O BOLSOLÃO DO MEC

Escândalo
O ministro da Educação, Milton Ribeiro, revela em áudio o aparelhamento criminoso da máquina pública: o presidente está no comando

Em um flagrante caso de corrupção no governo,* Jair Bolsonaro e Milton Ribeiro montam estrutura paralela no Ministério da Educação com o objetivo de *negociar a liberação de recursos públicos em troca de vantagens ilícitas e propinas.* No esquema, pastores evangélicos atuam como lobistas há mais de um ano, fazendo proselitismo religioso *e intermediando verbas para prefeituras de todo o Brasil

Já estamos há mais de **70 anos** desenvolvendo **maquinários** e **soluções** para a **agricultura global** - mas nunca nos esquecemos de que **começamos pequenos**... bem pequenos mesmo!

Em **1948** nascia a **Jacto**, no interior de São Paulo, **fruto de muita determinação** do nosso fundador, **Sr. Shunji Nishimura**, que queria oferecer **melhores ferramentas** de trabalho aos **agricultores** da região. Hoje, nossa empresa está **presente em mais de 110 países**, com **mais de 2 mil colaboradores**, que nos ajudam, dia após dia, a escrever uma **história importante no agronegócio**.

TUDO ISSO, NOS DÁ A RESPONSABILIDADE DE **CONTINUAR INOVANDO.**

Venha caminhar com a gente
e conheça mais da nossa trajetória
em: **jacto.com**

jacto.com

ENTREVISTA

MARGARETH DALCOLMO

Pneumologista

"PANDEMIA NÃO ACABA POR DECRETO"

PROBLEMA Para Margareth Dalcolmo faltou no Brasil uma "coordenação harmônica" para combater a Covid-19

Referência nacional e internacional no estudo sobre doenças infectocontagiosas, a pneumologista Margareth Dalcolmo, 66 anos, está entre as personalidades da área da ciência que mais se destacaram na difusão de informações confiáveis sobre a Covid-19. Assim que a pandemia começou na China, e antes que chegasse aqui, a especialista ficou em contato com pesquisadores do mundo inteiro para entender melhor com que tipo de vírus o Brasil teria de lidar. Além de pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Margareth foi eleita presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, cargo que assume no fim do ano; e faz parte de um seleto grupo de peritos – são 18 de diversos países do mundo –, que fornecem recomendações à Organização Mundial de Saúde para a aprovação e fármacos na Lista de Medicamentos Essenciais, desde 2015. No início deste ano, ela foi reeleita e deve permanecer no time até 2026. Ultimamente Margareth também se dedica a divulgação do livro recém-lançado *Um Tempo para não esquecer — a visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde*.

Por Valéria França

Deixar de usar a máscara é seguro?
Ultimamente, eu repito isso toda hora. O Brasil está com outras prioridades. Suspender o uso em locais públicos é contribuir para o recrudescimento da doença. Ainda tem muito brasileiro que não recebeu a primeira dose e outros que não receberam a segunda. A cepa Ômicron vem causando infecções principalmente no grupo de não vacinados. Veja o que acontece na China. Hong Kong, por exemplo, tem 80% de não vacinados. A Ômicron pegou principalmente essa população. Por isso, os lockdowns em várias regiões. Há outras questões também. Estamos quase em abril, época as viroses respiratórias aumentam. O uso da máscara ajudou na proteção contra a Covid e de outros vírus como influenza e rinovirose.

"A saída de Mandetta foi decepcionante e triste porque saíram junto técnicos de grande qualidade de interlocução"

Então as pessoas devem continuar a usar a máscara?
A máscara deveria ser mantida em todos os lugares fechados, como escolas, universidades, escritórios e transporte público.

Há suspeitas de que a Deltacron (nova cepa da Covid) já tenha chegado ao Brasil. É possível?
Sim. Mas ela não é mais transmissível que a Ômicron. Ao invés de tirar a máscara, o governo deveria fazer todo mundo sair correndo para se vacinar. Muitas pessoas me perguntam sobre a máscara. Outras dizem que estão seguindo minhas orientações de usá-la em locais fechados e de grandes aglomerações, mas que são encaradas como se fossem um ET.

O que a senhora achou da atitude de um professor da rede pública em São Paulo, que levou uma churrasqueira para o colégio para queimar as máscaras?
Achei lamentável, deseducador, um gesto contrário da libertação. Pense que um espirro joga no ar milhões de partículas infectadas. É uma perda de energia discutir se temos uma endemia ou uma pandemia. Eu garanto que epidemia não acaba por decreto, mas pela diminuição de casos. Estamos com a vacinação muito abaixo do seguro principalmente entre crianças e idosos. A China está reabrindo os hospitais de campanha. Não temos de usar máscara para o resto da vida. Isso vai mudar. Porém, é um hábito que deveríamos incorporar sempre que necessário, assim como fazem os orientais. Se você está gripado, o certo seria entrar em um transporte público ou em qualquer local fechado de máscara para não espalhar a doença.

Faltou comando do governo federal no sentido de haver uma campanha nacional para a vacinação em massa?
Precisamos analisar o status epidemiológico de cada região. O fato é que no Brasil ainda trabalhamos apenas com as informações de um consórcio de imprensa. Felizmente, instituições importantes, como a Arquidiocese e a USP mantiveram a recomendação de manter a máscara.

A senhora lançou um livro com um título impactante. O que mais guardou desse primeiro período de pandemia?
O início da pandemia, os primeiros casos graves, quando começamos a observar as internações que pareciam ser apenas por pneumonia severa. No Brasil inteiro era um momento que muita gente viajava e voltava contaminado da Europa. A doença começou a circular antes da OMS inclusive declarar pandemia e batizar a doença de Covid-19. Todo mundo passou por isso. Eu fiz parte do grupo que assessorou o ministro (Luiz Henrique) Mandetta. No início de março de 2020, nós ficamos alguns dias em Brasília em contato online permanente com colegas de outros países, como Espanha, Itália, Equador e Estados Unidos. Conversávamos com eles para saber o que estavam passando, porque sabíamos já naquele momento que a situação no Brasil mudaria para o panorama dos países que nos antecederam. Era óbvio que a doença chegaria aqui. Naquele momento, revimos as normas brasileiras para síndrome respiratória aguda grave e para casos de gripe.

Como foi fazer parte de um grupo científico provedor de informações, que o governo desmentia sempre que podia?
O Brasil passou por situações desnecessárias. Por exemplo, o primeiro pico epidêmico aqui foi em Manaus. Era final de abril, quando houve uma explosão da mortandade no local. Sete meses depois veio outra onda, dessa vez de infecção pela Gama, e como ninguém mais tinha imunidade, sucederam-se mais casos graves e mortes. Aí ficou provado que não existia imunidade adquirida com a doença. O discurso oficial era para todo mundo ficar doente e ganhar imunidade. A gente sabia que isso não valia, mas foi de uma maneira quase macabra que as autoridades entenderam. Não precisava tanta morte. Naquele momento já desenvolvíamos estudos. Houve o que eu chamo de tensão desnecessária entre a comunidade acadêmica e a retórica oficial. Nunca tivemos uma coordenação harmônica. **>>**

FOTOS: PETER ILICCIEV/CCS FIOCRUZ; NELSON ALMEIDA/AFP

Mesmo assim, o País acabou sendo um importante campo de testes de vacinas.

Se você observar, o Brasil foi cenário de grandes estudos de fase 3 de vacinas. O País foi o maior fornecedor de voluntários. No desenvolvimento da vacina da AstraZeneca, por exemplo, 52% eram brasileiros. E em todos esses estudos havia participação de pesquisadores locais. Com isso, quero dizer que tivemos uma participação muito consistente, firme e pujante nas pesquisas. O Brasil é hoje o 11º país em publicações científicas sobre a Covid-19, o que não é pouca coisa, considerando que competimos com países que apóiam a ciência. Aqui, a gente convive com essa tensão, que foi maior no período pandêmico. Recentemente tivemos muitos cortes de verbas para estudos de qualidade, que foram publicados em revistas científicas importantes. É o caso dos medicamentos imunomoduladores, feitos no Brasil, e que hoje estão aprovados pela ANVISA, enfim pela CONITEC para serem utilizados.

A senhora participa de alguma pesquisa no momento?

Eu estou conduzindo dois estudos com novos antivirais, que podem tratar 80% de casos leves e moderados, que vão receber remédio oral durante cinco dias. É um espetáculo. Será uma mudança de paradigma no tratamento. Mas isso não dispensa as vacinas, que sabíamos que eram importantes desde o início. Tratamento com medicamento é para virose crônica, como AIDS e hepatite C. Isso você resolve com remédio. Mas para virose aguda de transmissão respiratória tem que vacinar. Fazemos o mesmo para sarampo e febre amarela, por exemplo.

Os casos de hospitalização e síndromes respiratórias graves da Covid-19 devem tê-la remetido aos primeiros casos de AIDS. A senhora já era pneumologista?

Sim, eu comecei a trabalhar com pacientes com AIDS, quando ela surgiu no Brasil. No início dos anos 1980, todo mundo morria de doença respiratória, no início, a doença era diagnosticada basicamente como pneumonia. Pacientes ricos e pobres. Não importava. Todos morriam da mesma coisa.

Houve impactos secundários da pandemia na saúde?

Em 2019, antes da Covid, tivemos um significativo aumento da tuberculose no Brasil. Foi uma catástrofe. Não esperávamos. Por causa da pandemia, realizamos 40% menos diagnósticos porque os serviços não funcionavam. Nem todos os serviços de saúde funcionaram como a Fiocruz, que não parou. Até porque nós desenvolvemos estudos de pesquisa clínica, então não tinha como parar. Atendíamos a população em locais propícios, abertos. Fizemos de tudo para não perder os pacientes voluntários, que são arrolados nos protocolos de pesquisa. Mesmo assim caíram os diagnósticos de doenças graves como as cardíacas e o câncer. O número de pessoas que perderam o timing para tratar e operar foi alto. Alguma hora isso aparecerá nas estatísticas de mortalidade. As pessoas não saíram de casa, não foram fazer exames de rotina. Tanto o câncer de mama como o de próstata aumentaram consideravelmente. E não só no Brasil.

O que a pandemia vai deixar de bom?

Acho que a Covid-19 trouxe para o Brasil três coisas boas. Primeiro, nós, pesquisadores tivemos de sair dos nossos casulos — laboratórios e consultórios — para informar as pessoas. Isso era importantíssimo, porque a população foi tomada pelo terror, pelo medo. As pessoas precisavam confiar em alguém. E nós tínhamos de lutar não apenas para informar como a gente faz até hoje mas também para desconstruir informações falaciosas, mentirosas e sem suporte científico. Isso continua até hoje. Digo que a gente descobriu um talento novo, o de comunicar de uma maneira que as pessoas entendessem. O segundo ponto é ver, depois de muita discussão sobre compra privada de vacina, brasileiros poderosos economicamente se vacinando no SUS e postando com orgulho a foto nas redes sociais. Foi um ganho enorme em um País com tantas diferenças. Por último, foi o surgimento de um voluntariado de qualidade, com apoio da iniciativa privada. Não perco a esperança no ser humano, apesar de tudo que a gente vê Brasil afora. O médico lida com a vida e com a morte o tempo inteiro.

Os médicos relatam vários casos de doentes que depois do vírus debelado ficaram com sequelas. Todas tem cura?

Sem dúvida a Covid tem sequelas a médio e longo prazo e não necessariamente ligadas à gravidade do quadro original. É a chamada Covid longa, que exige reabilitação em equipes multidisciplinares de largo prazo. Considero hoje esse um dos grandes desafios da medicina. As sequelas podem ser respiratórias, vasculares, cardíacas e psiquiátricas exigindo tratamento. Mas no curto recuo histórico de dois anos, não é possível dizer que todas as sequelas têm cura ou afirmar quais são indeléveis. Mais de 50% das pessoas saem com alguma sequela neurológica, como neuropatias periféricas, lapso de memória e mudança de humor. ■

> "Suspender o uso da máscara em locais públicos e fechados é contribuir para o recrudescimento da doença."

FOTO: MARCO ANKOSQUI

Editorial

A ESBÓRNIA

Era a mensagem do Messias, a palavra da salvação: "eu dirijo a Nação para o lado que os senhores desejarem", pregou Jair Bolsonaro, dias atrás, em alto e bom som, chegando até às lágrimas – talvez se imaginando em uma última ceia de confraternização – ao lado de um grupo de 24 pastores de diversas Igrejas. Curiosamente o dobro exato (quem sabe, para mostrar mais poderio) dos 12 apóstolos bíblicos a seguir Jesus crucificado, como contam as Escrituras Sagradas. E a profecia se fez realidade com a multiplicação dos recursos ao rebanho dos fiéis discípulos. Era a graça divina do Planalto sendo espalhada entre os crentes obreiros da reeleição. Dias depois, o segredo do "milagre" do "mito" reencarnado vinha a conhecimento do grande público. Ele havia ordenado ao seu ministro da Educação, o religioso pastor fundamentalista Milton Ribeiro, que abrisse o cofre da pasta – nem que para tanto fosse necessário desmantelá-la – com o objetivo de atender às demandas do pregador presbiteriano Gilmar Santos, com a bênção da bancada da Bíblia e a proteção divina DELE em pessoa, o mandatário-candidato. A esbórnia estava consagrada. Não foram precisos maiores sacrifícios, entregue em troca apenas o apoio nas urnas dos líderes dos templos. Os cordeiros do obscurantismo bolsonarista, orientados por Santos, faziam fila na porta do Ministério para ganhar seu quinhão. Fruto de dinheiro público, angariado do trabalho suado e sacrificado do contribuinte, que nada levava de benefício pela farra, diga-se de passagem. Era desvio na veia, sem subterfúgios, confessado em um rompante de sinceridade pelo próprio ministro Ribeiro, no altar de cerimônias com prefeitos aliados. E ele falou de cara lavada, letra por letra, do escândalo em curso: foi Jair MESSIAS Bolsonaro quem ordenou. O Bolsolão tomava forma da maneira mais explícita possível. Não existiam dúvidas restantes, vez que o esquema de pagamentos era concebido e testemunhado pelo próprio autor da façanha em gravação aberta. Na homilia de transgressões e malversações do governo, que se autoproclama "incorruptível", quantas provas mais de "milagres" assim serão necessárias para dirimir a desconfiança sobre seus malfeitos? O arauto da boa nova, Gilmar Santos, escolhido pelo presidente, se apresenta como responsável por uma tal de Convenção Nacional de Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus. É unha e carne, chapa mesmo, de Ribeiro. Foi recebido, fora da agenda oficial e sem cerimônia, diretamente pelo "mito" em, ao menos, quatro ocasiões, para reuniões fechadas no Palácio do Governo. O que trataram? Como organizaram tudo? É ainda segredo guardado naquele confessionário federal. O certo é que Messias pecou. Mais uma vez. Depois das tramoias com recursos da União em um imoral orçamento secreto, de prevaricar escondendo informações de superfaturamento na compra de vacinas e após o notório laranjal familiar, montou seu propinoduto particular, voltado aos religiosos de sua seita. Sem punições? Sem reprimendas? Difícil esperar algo a mais nesse sentido de um Congresso cooptado. E o que dizer do conceito de Estado laico, previsto na Constituição, jogado às calendas por esse Messias? Confrontar, afrontar e ignorar a Carta Magna sempre foi a sua especialidade. Bolsonaro usa o nome de Deus em vão para cinicamente angariar adeptos à causa pessoal de poder. Com um discurso reacionário, espoliador e regido à base de uma desfaçatez sem limites, diz que zela pelo dinheiro público. Os eleitores estão vendo bem como ele realiza a façanha. Em proveito próprio. E o faz de diversas maneiras, recorrendo a variados estratagemas. A CPI da Covid já tinha identificado esquema parecido no Ministério da Saúde. Na pasta do Turismo, outro desvio foi pilhado em flagrante. Bolsonaro mostra-se um intrépido e fervoroso adepto do fundamentalismo de resultados. Reside nesse evangelho o mandamento da gestão que implantou. Quanto aos pastores, imbuídos de um prestígio ainda superior ao dos parlamentares para saquear as finanças públicas, sob a consagração divina do Messias do Planalto, chegaram a cobrar o peso do prêmio em ouro para concederem a liberação da bufunfa do MEC, segundo consta na denúncia de

DO BOLSOLÃO

intermediadores. Ali mandavam e desmandavam, tal e qual operadores de um gabinete paralelo, informal. Quem há de coibir a profissão de fé dos escolhidos do capitão? Nem a PF, nem o Ministério Público, muito menos o Legislativo — controlados e tomados de assalto pelos missionários para brecar o sistema de investigação das irregularidades latentes. Ribeiro, no contexto, é dos mais dadivosos e obedientes subordinados do "mito". Prega um retrocesso ideológico sem precedentes no ensino brasileiro. Foi capaz de defender que as universidades deveriam ficar mesmo "para poucos". Reclamou que "há crianças com deficiência de impossível convivência nos colégios" e procurou emplacar a todo custo o que o governo chama de "escola sem partido" — algo que, na prática, a partir dos esquemas desvendados, acabou se revelando como verdadeiro antro, concebido no mais ignóbil figurino de escola COM partido. Sabe-se, hoje, o Ministério da Educação converteu-se em aparelho do crime organizado, militando sob as preces de venais cupinchas do presidente. Está manietado, submetido ao proselitismo político, contaminado pela podridão dos interesses escusos, distribuindo postos-chaves à corriola do Centrão - naturalmente a mando superior -, maquinando subtrações na compra de material didático e escorraçando princípios elementares e civilizatórios do aprendizado como o da igualdade de gênero e da ampla convivência democrática. Milton Ribeiro deveria bater em retirada do MEC o quanto antes. Urgentemente. Mas não só ele. O maior nome do problema é, na essência, o de Jair Bolsonaro. Protagonista de uma administração que apodreceu precocemente (quase na largada), com um carnaval de delitos e pedidos de impeachment a perder de vista, era para ter sido apeado do cargo há muito tempo. A sua passagem pelo poder vem gerando encrencas e descalabros aos montes, que deixarão marcas profundas e um Brasil em calamidade por gerações a fio. Não há como ser resiliente ou indulgente com tamanho tráfico de influência, e de roubo mesmo, plantado no coração do aparato educacional do País. O que vamos ensinar desse jeito aos nossos filhos? É um vexame a distribuição ilegal de verbas como vem ocorrendo. Operações gravíssimas estão acontecendo. Religiosos sem cargos no aparato federal participando de inúmeras reuniões de Estado. Liberações e empenhos de milhões de reais para "atendimento especial" aos amiguinhos do presidente da República. Um circuito paralelo de "fast track" para saques na boca do caixa, corrompendo em busca de apoios de campanha. O apetite dos pastores do apocalipse nesse bacanal, a facilitação concedida a eles e os ganhos transversais do Messias constituem o pior dos mundos. O PGR, tal qual um Pilatos, tentou lavar as mãos diante da pilhagem. Desejava inocentar, mais uma vez, o Messias idolatrado e crucificar os inocentes contribuintes. Não conseguiu. Foi pressionado a abrir investigações. Levará o processo a bom termo? Resta rezar: "Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós! Dai-nos a paz!". ■

FOTO: ALAN SANTOS/PR

por Felipe Machado

Editor de Cultura de ISTOÉ

BRASIL, O PAÍS DAS NOTÍCIAS RUINS

Mesmo quem não é profissional das palavras já ouviu falar do termo "writer's block", o bloqueio criativo que escritores costumam sofrer de tempos em tempos e que transforma a página em branco em um temido inimigo. No meu caso é o contrário: quando me sento para escrever, sofro de ansiedade pela quantidade de assuntos sobre os quais eu poderia me debruçar. Infelizmente, tratando-se do Brasil atual, são invariavelmente negativos. É nisso que a Nação sob Bolsonaro se transformou: um repositório de más notícias, empilhadas umas sobre as outras, até alcançarem o céu.

Nem toda a culpa é do presidente, sejamos justos. Apenas uns 99%. O outro 1% é responsabilidade, por exemplo, de políticos como o governador Cláudio Castro, do Rio de Janeiro. Para justificar essa reflexão, relato um caso que vi na TV essa semana. A menos de um mês, em uma triste combinação de tragédia natural e descaso do poder público, 233 cidadãos morreram após desabamentos causados pela chuva em Petrópolis. Pois bem: essa semana morreram mais cinco, pela mesma razão. Mas nesse Brasil, em que a morte é apenas um efeito colateral de nossas escolhas eleitorais, o que me impressionou foi outro aspecto do episódio. No início do mês, quando as chuvas começaram a castigar a região, milhares de brasileiros enviaram doações aos moradores afetados pelos temporais. Quando a TV divulgou as novas vítimas fatais, veio a imagem: por negligência das autoridades, a pilha de doações havia apodrecido. Roupas, alimentos, cobertores, tudo que a população havia se esforçado para doar teria que ser jogado no lixo. O Brasil joga no lixo objetos e a comida que poderiam reduzir a dor dos necessitados.

Em outra área, o ministro da Justiça quer censurar um filme de Danilo Gentili porque haveria ali apologia à pedofilia. A patética acusação a um filme de 2017 serve apenas de cortina de fumaça para os problemas reais. Se o governo quisesse combater esse problema, não defenderia o aplicativo Telegram. Quando o ministro Alexandre de Moraes, do STF, proibiu o app, quem criticou a decisão não foi a própria empresa, o que seria óbvio, mas a Advogacia-Geral da União. Qual o interesse da AGU em apoiar uma rede social que permite a pedofilia, o tráfico de drogas e a venda ilegal de armas?

É nisso que a Nação sob Bolsonaro se transformou: um repositório de más notícias, empilhadas umas sobre as outras, até alcançarem o céu

Queria terminar lembrando que um supermercado de São Paulo colocou um cadeado na seção de carnes para evitar o furto por pessoas famintas. Dá para ter *writer's block* em um País assim?

VARGOLINO, O BICHO VAI SER LEGAL?

Abusando da metáfora, o jogo do bicho se pode comparar a uma espécie de sudário brasileiro. Uma sequência sobrenatural de imagens que vive no imaginário de todos e é mais antiga que qualquer ser humano ainda vivo. Essa impressão coletiva de desejos e possibilidades, vive entre o sonho e a sorte, a formalidade e a malandragem, a tecnologia e a tradição, o povo e a elite, a lei e o samba, a devoção e o carnaval.

Conhece a letra? *Ganhei 500 contos, não vou mais trabalhar, você dê toda a roupa velha aos pobres e a mobília podemos quebrar. Isto é pra já, vamos quebrar, Etelvina, vai ter outra lua-de-mel*. Lembra da música? Foi Kid Moringueira, rei do samba de breque e o último dos malandros — como Alexandre Augusto Gonçalves chamou a Antônio Moreira da Silva — que escreveu a canção que serve para bem traduzir a transa quase religiosa com que o povo aposta, em cada posto de gasolina e banca de jornal, na interpretação dos seus sonhos.

O jogo do bicho é uma instituição antiga. Começou sendo rifa de zoológico há 130 anos destinada a ajudar os animais do Zoo do Rio de Janeiro e sobreviveu e prosperou entre ditaduras e democracias convivendo com todos os governos do Brasil. Mas nem a mais antiga e capilar rede de comunicação brasileira — presente em todas a cidades do Brasil — consegue escapar à necessidade de transparência e, após três décadas de

por José Manuel Diogo

Escritor

discussão, vê a Câmara dos Deputados finalmente aprovar uma regulamentação que legalizará o jogo do bicho.

Continua o Moringueira. *Você vai ser madame, vai morar no Palace Hotel, eu vou comprar um nome não sei onde; de Marquês Moringueira, de Visconde, e um professor de francês – mon amour... Eu vou trocar seu nome pra madame Pompadour*. Mas a verdade é que lei ainda não está valendo. Ela precisa de aprovação pelo Senado federal e da posterior validação do presidente da República. Só então entrará em vigor e até lá muito pode acontecer.

No entanto, se tudo der certo, o jogo do bicho vai passar de ilegal a regulamentado e a imensa massa monetária que hoje se aposta informalmente em milhares de locais em todo o País vai começar a entrar no sistema. Permitindo que o Estado arrecade novas receitas fiscais e se gerem diversos postos de trabalho diretos e indiretos em inúmeros segmentos da economia. Com a possível aprovação senatorial e sanção presidencial, estará em vigor a denominada "Lei do Jogo", a qual regulamentará a prática de jogos de habilidade e de azar, em troca do recolhimento de valores aos cofres estatais mediante o preenchimento de determinados requisitos.

E quando o patrocinador do escrete já puder pagar imposto no Brasil, haverá mais razões para sorrir e menos sonhos dependerão do tempo que o povo gasta esperando pela sorte numa fila de calçada. *Saideira! Mas de repente, de repenguente, Etelvina me chamou, Está na hora do batente. Disse: acorda Vargolino, Mete os peitos pelos fundos, Que na frente tem gente. Foi (ê) um sonho, minha gente*!

por Cristiano Noronha

Cientista político

RISCOS FISCAIS EM ANO ELEITORAL

Em ano eleitoral, quando gestores públicos buscam a reeleição, a preocupação com o aumento do gasto público se amplia consideravelmente. Isso porque o populismo fiscal encontra terreno fértil para prosperar. Apesar de existirem limitações fiscais, de alguma forma elas sempre podem ser contornadas.

A Lei Eleitoral nº 9.504/97 veda uma série de ações aos agentes públicos em ano de eleição. No parágrafo 10 do artigo 73, lê-se: "No ano em que se realizar eleição, fica proibida a distribuição gratuita de bens, valores ou benefícios por parte da Administração Pública, exceto nos casos de calamidade pública, de estado de emergência ou de programas sociais autorizados em lei e já em execução orçamentária no exercício anterior."

O dispositivo, incluído no ordenamento jurídico em 2006, impede, portanto, concessão ou reajuste de benefícios sociais além dos que já constam do Orçamento da União. Não à toa o governo federal correu para aprovar a PEC dos Precatórios no ano passado. O objetivo era justamente abrir espaço para o pagamento do Auxílio Brasil no valor de R$ 400,00.

Pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), não é possível aumentar gastos com pessoal quando restam apenas 180 dias para o fim do mandato do chefe de Poder (artigo 21, inciso II). Contudo, mesmo em ano eleitoral, é permitido o aumento de salário de servidor. Por isso há categorias ameaçando greve por reajuste salarial.

O aumento de gasto público também pode partir, no caso federal, do Congresso Nacional. Foi aprovado e sancionado pelo presidente, por exemplo, lei que permitiu zerar PIS e Cofins sobre diesel ao custo de cerca de R$ 18 bilhões. Por ser lei complementar, foi aberta uma exceção na LRF para que não fosse identificada a fonte de receita que sustentará o benefício.

Há mais projetos envolvendo alta de gastos no Congresso, como o que prevê um subsídio para estados e municípios

Não à toa o governo federal correu para aprovar a PEC dos Precatórios. O objetivo era justamente abrir espaço para o pagamento do Auxílio Brasil

bancarem a isenção de passagens de ônibus para usuários acima de 65 anos. Outro é o que eleva o piso salarial nacional para o setor de enfermagem e parteiras. Nesse caso, para cumprir a LRF, defende-se o aumento de impostos para o setor de mineração. A legislação eleitoral tem avançado para que o populismo eleitoral seja reduzido. Muito se avançou, porém ainda há brechas a serem revistas. A reeleição pode ser um fator que estimule esse comportamento, mas não o único. Aliás, o simples fim da reeleição não acabaria com essa tentação, já que o gestor poderia seguir a mesma linha para garantir a eleição de um aliado.

Frases

"SOMOS UM PAÍS MUITO GENEROSO, MAS NÃO PODEMOS TER UM SISTEMA EM QUE AS PESSOAS POSSAM ENTRAR SEM NENHUM CONTROLE"

BORIS JOHNSON, primeiro-ministro britânico

"Na temporada de 2022, a Ferrari voltará a ser competitiva"

CHARLES LECLERC, piloto de Fórmula 1, ao vencer o GP do Bahrein

"A SOCIEDADE CIVIL BRASILEIRA ESTÁ SENDO MUITO FORTE. ALÉM DE RECEBER OS UCRANIANOS DE BRAÇOS ABERTOS, TODOS ESTÃO FAZENDO VAQUINHAS VIRTUAIS"

FABIANA TRONENKO, ex-embaixadora da Ucrânia no Brasi

"O TRABALHO POR APLICATIVO LEVA AS PESSOAS A SE ALINHAREM IDEOLOGICAMENTE À DIREITA"

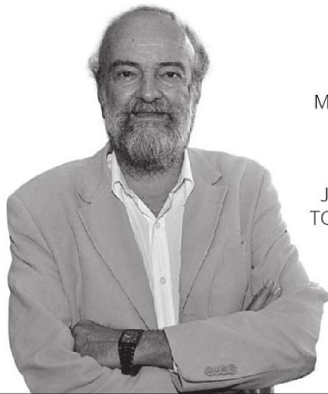
ROSANA PINHEIRO MACHADO, antropóloga

FOTOS: DAN KITWOOD/GETTY IMAGES EUROPE; THAIER AL-SUDANI/REUTERS; GOVERNO DE SP; EDUARDO NICOLAU/ESTADÃO CONTEÚDO

"Você aprende atuar nos palcos, não nos filmes"

DENZEL WASHINGTON, ator

"TENHO TESÃO PELA VIDA E ESTOU BEM VIVA SEXUALMENTE"

SIMONE, cantora, às vésperas de completar 72 anos de idade

"AO ENTREGAR A MEDALHA DO MÉRITO INDIGENISTA AO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO, O MINISTRO DA JUSTIÇA, ANDERSON TORRES, DEMONSTRA SER O MINISTRO DA INJUSTIÇA."

JOSÉ LUIZ PENNA, presidente do Partido Verde

"A obra de Tarsila do Amaral é para todas as idades"

MARISA ORTH, atriz, expondo sua felicidade ao emprestar voz a uma das personagens da animação *Tarsilinha*, em homenagem a pintora modernista

"A VOZ QUE ECOA NO FILME REVERBERA HOJE"

SAFIRA MOREIRA, cineasta, ao apresentar o seu curta-metragem *Travessia*, no qual critica a pouca representatividade do negro na história da grande mídia

"VIRAL É VIRAL"

ALCEU VALENÇA, cantor e compositor, a respeito da forma como suas músicas viajam pela internet

"ELAS NUBLAM AS LINHAS ENTRE O ESPIRITUAL E O MEDICINAL, O RECREATIVO E O TERAPÊUTICO"

MADISON MARGOLIN, jornalista norte-americana, em referência ao uso de substâncias psicodélicas

"Apesar de Bolsonaro, permanecemos vivos"

FERNANDA MONTENEGRO, atriz e imortal da Academia Brasileira de Letras

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Eudes Lima

Brasil Confidencial

MILICOS O capitão Bolsonaro troca o general Mourão pelo general Braga Netto

Vice decorativo

Bolsonaro tem medo até da sombra. Acha que todos os que o rodeiam querem derrubá-lo. Foi assim com Hamilton Mourão. Considerou que o general queria tirá-lo do poder para assumir seu lugar e hoje não o chama nem mais para reuniões ministeriais. Na hora de formar a chapa para a reeleição, imaginou vários políticos para vice e até uma mulher (Tereza Cristina). O Centrão (Ciro Nogueira) insistiu em um nome do grupo. Mas em todos esses casos o ex-capitão viu o risco de sofrer impeachment e o vice assumir. Por isso, a decisão foi escolher um general para a função. Entende que os militares são mais ordeiros, menos afeitos a traições e mais íntegros. Pensou nos generais Heleno ou **Braga Netto**. Ficou com o segundo porque o primeiro anda cada dia mais ausente do Planalto.

Demissão

Para se habilitar a ser vice de Bolsonaro, Braga Netto tem que se desincompatibilizar do governo até o próximo dia 2. Em seu lugar no Ministério da Defesa, o presidente deve nomear o comandante do Exército, general Paulo Sergio Nogueira de Oliveira, aquele mesmo que criticou o ex-capitão por conta da sua má conduta na pandemia. Águas passadas.

Coletes

Braga Netto tem algumas manchas no passado. Em 2018, quando era comandante do gabinete de intervenção federal no Rio, comprou 9.360 coletes à prova de bala da CTU Security ao custo médio de R$ 4,3 mil cada unidade. No primeiro mês do governo Bolsonaro, foram pagos R$ 35,9 milhões, mas depois o pagamento foi cancelado e o contrato, suspenso.

O golpe do presidencialismo

Em meio à paralisia do Congresso, sem a votação das reformas Tributária e Administrativa, soa como golpe a criação de uma comissão para a adoção do semipresidencialismo por parte do deputado Arthur Lira, presidente da Câmara. O sistema objetiva reduzir os poderes do presidente, dando força maior aos parlamentares, que escolheriam o primeiro-ministro. Querem transformar o presidente em bobo da corte.

RÁPIDAS

* Tarcisio de Freitas terá dificuldades na campanha para governador de São Paulo. É carioca e torcedor do Flamengo. Desconhece a capital e terá problemas para chegar a Sapopemba. No passado, houve candidato que perdeu a eleição por não saber onde ficava a região.

*** O senador Alessandro Vieira (SE) trocou o Cidadania de Freire para ingressar no PSDB. Os dois partidos já estavam unidos em federação. Ele será o oitavo senador tucano. Aumentará a bancada de Doria no Congresso.**

* A atriz Fernanda Montenegro, 92, assume nesta sexta-feira, 25, uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). O fardão foi confeccionado pelo figurinista Marcelo Pies. O discurso de recepção será feito por Nélida Piñon.

*** Na cerimônia de filiação de Alckmin ao PSB, nenhum deputado ou senador do PSDB acompanhou o ex-governador na mudança de partido. Ele só levou alguns ex-secretários de estado e mesmo assim sem expressão nacional.**

FOTOS: FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA; ROQUE DE SÁ; ALAN SANTOS/PR; VINICIUS LOURES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

RETRATO FALADO

Bolsonaro *confessa não ter força para mudar a direção da Petrobras, embora deseje trocar o presidente da estatal, o general Joaquim Silva e Luna, acusando-o de não tomar nenhuma medida para reduzir os preços dos combustíveis. Todos sabem que a alta está sendo impulsionada pela invasão da Ucrânia pela Rússia. "Impagável o preço do combustível no Brasil e a Petrobras não colabora com nada. Muita gente me critica, como se eu tivesse poderes sobre a Petrobras, e não tenho".*

TOMA LÁ DÁ CÁ

PLÍNIO VALÉRIO, SENADOR PELO PSDB-AM

Quais são as alternativas de modelos sustentáveis para a Amazônia?
O modelo da Zona Franca preserva a floresta, mas ela não pode ficar intocada. Essa hipocrisia nos impede um pouco de crescer. A produção de alimentos como pescados, por exemplo, é um bom mercado nacional e mundial.

De que forma o Amazonas foi prejudicado pelo governo Bolsonaro?
Estamos tendo prejuízos com a redução de 20% do IPI para a Zona Franca de Manaus e com a diminuição das alíquotas dos importados.

O senhor acredita que a terceira via terá apenas um candidato na disputa presidencial?
A união em torno de uma candidatura única não é a tradição da política brasileira.

Doria é competitivo?
Vou votar nele e pedir voto para ele no estado.

Estica e puxa

A política econômica do governo anda totalmente esquizofrênica. Enquanto o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, acertadamente, aumenta a taxa de juros para conter a inflação (com os juros mais altos se inibe o consumo e os preços caem), o presidente Bolsonaro e seu ministro Paulo Guedes fazem exatamente o contrário: aumentam o dinheiro em circulação, por meio das benesses dadas eleitoralmente, e com isso a inflação sobe. Se continuarmos nesse movimento insano, vamos ver a taxa Selic crescer em praticamente todas as reuniões do Copom. Na última sessão, os juros subiram 1% (para 11,75%) e, em maio, deverão aumentar mais 1%, chegando a 12,75%.

Campeão

Desde março do ano passado, as taxas de juros subiram 9,75 pontos percentuais, o maior crescimento desde abril de 2013 no governo Dilma. No mundo, o Brasil é o que tem a maior taxa real de juros, superando a Rússia, Colômbia, Chile e México, que até pouco tempo estavam bem à nossa frente.

O sanfoneiro vai dançar

O ministro do Turismo, **Gilson Machado**, deseja ser candidato ao Senado por Pernambuco. Sem nenhum traquejo político, o sanfoneiro tem tudo para quebrar a cara. A vaga para o Senado será disputada pelo governador Paulo Câmara (PSB) e Marília Arraes (PT). Além dele, outros oito ministros deixarão o governo para se candidatarem a senador ou a governador.

Fuga das mulheres

Três mulheres deixarão Bolsonaro para tentar vaga no Senado: Damares Alves (Amapá), Flávia Arruda (DF) e Tereza Cristina (Mato Grosso do Sul). Outros quatros largam o capitão para disputar os governos estaduais: Tarcísio Freitas (São Paulo), João Roma (Bahia), Onyx Lorenzoni (Rio Grande do Sul) e Rogério Marinho (Rio Grande do Norte).

Cansei!

De tanto levar rasteiras no PT, a deputada Marília Arraes resolveu deixar a sigla e se filiar ao Solidariedade, partido pelo qual deve ser candidata ao Senado na chapa que terá Raquel Lyra (PSDB) como candidata ao governo de Pernambuco. Ela sai do PT porque o partido no estado já a tirou da disputa pelo governo estadual e agora quer rifá-la do Senado também.

Coluna do Mazzini

CASSINOS QUEREM AS PRAIAS

O projeto de lei 442/91 que autoriza bingos e cassinos no Brasil entrou numa velocidade no gabinete do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e ali freou – na cautela do mineiro. Ele espera o momento para pautar, diante da pressão pela aprovação. Um peso contra é a campanha eleitoral. Muitos senadores já estão nos redutos tratando palanques. Os investidores estrangeiros nunca estiveram tão animados com o real avanço da proposta. A despeito de o projeto ser ou não sancionado, o Brasil é o alvo dos magnatas. Há corrida por terras praianas no Nordeste. Representantes da família do falecido Sheldon Adelson – o maior entusiasta, que chegou a visitar Jair Bolsonaro –, de Steve Wynn (EUA), Stanley Ho (Macau e Portugal) e de James Packe (Austrália, Inglaterra, Filipinas) já sondam propriedades no Brasil. A família do senador Eduardo Girão recusou oferta milionária de empresário português por um hotel do clã em Fortaleza ao saber das intenções de se instalar um cassino, caso a lei seja aprovada.

Magnatas dos cassinos mandam representantes ao Brasil para comprar propriedades em praias, vislumbrando resorts com aprovação dos jogos de azar

Clã Lago muda cenário no Maranhão

O PDT do presidenciável Ciro Gomes teve baque no Maranhão. Numa reviravolta inesperada, a família Lago, que sempre andou de mãos dadas com o partido de Brizola, aderiu em peso ao vice-governador Carlos Brandão, que acaba de se mudar do PSDB para o PSB. A troca de camisas revela desprestígio do senador Weverton Rocha (PDT), que tem de se explicar todo dia para Carlos Lupi, presidente da sigla, como estão as alianças para a campanha de Ciro no Estado. A família do ex-senador Jackson Lago ainda levou vereadores e potenciais candidatos a deputados para o PSB do governador Flávio Dino e Brandão. A turma vai abrir palanque para Lula da Silva.

Paraguai contra-ataca

O 'posto' Paulo Guedes adora uma polêmica incendiária. Uma frase causou mal-estar diplomático. "O Paraguai virou o Estado brasileiro mais rico", brincou, sobre benesses fiscais do país. No Twitter, o Ministério das Relações Exteriores hermano lamentou "las expresiones desafortunadas de un alto funcionario del gobierno brasileño".

Resort do Vila Galé parou na Justiça

A rede portuguesa de hotéis Vila Galé, com forte atuação no Brasil, encontrou uma onda brava no mar da paradisíaca Barra de Santo Antônio, litoral de Alagoas, onde conclui seu novo hotel com 513 suítes. É o maior resort do Estado, e deve ser inaugurado em junho. Mas a Solidez Engenharia resolveu cobrar alguns milhões a mais pela obra contratada, por supostos gastos extras. O caso foi parar na Justiça. A empreiteira contratou o advogado Fábio Bitencourt Filho, herdeiro e homônimo do desembargador corregedor do TJAL. A decisão de 1ª instância embargou a obra, com multa diária de R$ 200, e o hotel recorre.

FOTOS: ETTORE CHIEREGUINI/AGIF; DIVULGAÇÃO; ABDIAS PINHEIRO/TSE

por Leandro Mazzini

Colaborou: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

TSE arrisca e mantém contrato

O TSE contratou a Octopus Comunicação para serviços de publicidade. Consta que a agência está proibida de fechar contratos com o setor público. A assessoria jurídica do tribunal explica que a proibição é restrita a Diadema (SP), "ente público lesado pelo ato da empresa". Alega que o acórdão que confirmou a sentença não determinou a extensão dos efeitos da pena. Já a Octopus informa que não foi intimada da decisão do TJSP e que vai recorrer na hipótese de eventual condenação. Segundo a empresa, o MP (autor da ação) apresentou parecer favorável para o provimento dos recursos de apelação.

PCdoB (quase) entrando no Governo

A agência de publicidade Fields, ligada ao deputado federal Orlando Silva (PCdoB), está disputando duas das maiores contas publicitárias do governo federal e com chances de levar: as dos Ministérios da Cidadania e da Saúde. O coronel André Costa, da Secom, acompanha a licitação com lupa.

Pobre & sem anistia

Cabo Anselmo, agente duplo que entregou guerrilheiros na ditadura, morreu pobre e revoltado por não ter conseguido anistia – acreditava que, após décadas, seria reconhecido no governo do capitão Bolsonaro (fã do regime) pelos serviços à Marinha. Em vão. Só a família foi ao velório em Jundiaí, nem a mídia da cidade soube de seu enterro.

PT contra arapongas

Petistas estão certos de que há espiões seguindo-os em agendas públicas. Suspeitam de agentes da ABIN disfarçados de militantes do partido. Isso explicaria vídeos esporádicos que circulam por whatsapp que constrangem Lula, e até o ex-senador Lindbergh Farias, em que mexia numa caixa de chicletes – mas insinuam outras coisas.

NOS BASTIDORES

Os Neobolsonaristas

Esposa do ministro João Roma, Roberta será candidata a deputada federal. Vaga almejada por Fabiano Rocha (Republicanos), o midiático intérprete de libras de Bolsonaro.

Prejuízo das milícias

A Polícia Civil do Rio tem um report que comemora, com dados sobre comércio ilegal de gás, internet, TV a cabo que abateu contra milícias. O prejuízo para bandos já chegou a R$ 2 bilhões em três anos.

Hotel dos presidentes

Paulo Octavio comprou a fatia da sócia Funcef no cinco estrelas Royal Tulip Hotel, em Brasília, e agora é o único proprietário. Vizinho do Palácio da Alvorada, o Royal é conhecido como hotel de reis e presidentes – os americanos só ficam ali.

Oi e tchau, Vargas!

O ex-deputado petista André Vargas, preso na Lava Jato, voltou a circular no métier, no Paraná, anunciando agendas de apoio a Lula nas redes sociais. Mas ninguém no partido o quer por perto.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

CULTURA

Torresmo à milanesa com Carlinhos Vergueiro? *Tô aí*

“Trata-se de um grande retorno, de um recomeço maravilhoso. É o primeiro show pós-pandemia, espero que seja o primeiro de muitos”
Carlinhos Vergueiro, compositor e cantor, à ISTOÉ

Tem festa do que há de melhor na música popular brasileira. Anfitrião: Carlinhos Vergueiro, um dos principais compositores do País. O show é no dia 1 de abril, na Sala Adoniran Barbosa, do Centro Cultural São Paulo (na capital paulista). O nome do espetáculo, aliás, é o mesmo de uma das composições de Carlinhos em parceira com Adoniran: *Torresmo à Milanesa*. No show, Carlinhos faz uma ampla retrospectiva de sua carreira (sorte nossa!), e nele estão incluídas composições como: *Por que Será* (parceria com Vinicius de Moraes e Toquinho), *Como um Ladrão*, canção que revolucionou música e verso no Brasil e deu a Carlinhos o primeiro lugar no *Festival Abertura da Rede Globo* em 1975. O cardápio artístico inclui ainda o seu mais recente álbum, que é algo especial em criatividade, intitulado *Tô aí* — feito durante a pandemia, Carlinhos nos ensinou que, diante das vicissitudes da vida, o melhor é a gente cantar o seu maravilhoso *Cantei Meu Samba*. O evento é gratuito, começa às 19 horas. Ingressos disponíveis na bilheteria a partir das 18 horas.

História do *Torresmo*

Assim nasceu a música que dá titulo ao show: Carlinhos e Adoniran compuseram-na em um botequim. Falava de bife à milanesa. O bife se tornou torresmo a pedido de Adoniran. Carlinhos perguntou a razão. “Porque não existe”, respondeu o parceiro. Adoniran quis que fosse “um torresmo” e não “torresmo”, que dá ideia de quantidade. Por que? “Porque é mais triste”.

RARAS RAIAS NA BAÍA DA GUANABARA

Quem olha as poluídas águas da Baía da Guanabara dificilmente consegue imaginar que alguma espécie de peixe consiga nelas sobreviver. Há, no entanto, uma surpresa: mais ao fundo, embora próximo à orla, vivem ali algumas das mais raras raias do planeta, com envergaduras que chegam a três metros. A descoberta dessa riqueza viva deve-se ao biólogo marinho Ricardo Gomes, diretor do Instituto Mar Urbano. No mês que vem o instituto lançará um filme sobre as aventuras da expedição que localizou e fotografou as raias.

FENÔMENO Um dos peixes: envergadura de até três metros

FOTOS: GABRIEL REIS; RICARDO GOMES/INSTITUTO MAR URBAMNO

ESPERANÇA Equipes de resgate: incansável busca por sobreviventes

ACIDENTE

A estranha queda (perpendicular ao solo) do avião chinês

Despencando oito quilômetros em dois minutos e com a parte dianteira voltada em linha reta para o solo, um avião da companhia China Eastern Airlines caiu na segunda-feira 21 em região montanhosa ao sul do país asiático. A explosão causou incêndio florestal. Havia cento e trinta e duas pessoas a bordo, e, setenta e duas horas após a tragédia, as equipes de resgate, valendo-se de drones, acreditavam não existir sobreviventes. Especialistas chineses e dos principais países se surpreenderam com a velocidade e a forma da queda: a aeronave perpendicular em relação ao solo. Também chama a atenção o fato de o acidente ter ocorrido quando o avião estava na "fase de cruzeiro" (ponto mais alto, com o piloto automático acionado e sem procedimentos de subida ou descida). Entre 2011 e 2020, somente 13% dos casos se deram nessa etapa do voo.

IRMÃOS Ilma e Iris: acusações de tráfico e de crimes no regime de exceção

DITADURA MILITAR

A traficante e o irmão marechal

O militar Iris Lustosa de Oliveira (hoje com 96 anos e na reserva ostentando absurdamente a patente de marechal) chefiou o Centro de Informações do Exército no período entre novembro de 1983 e março de 1985, quando era general. É apontado pela Comissão da Verdade como um dos criminosos da ditadura, que usurpou dos civis o poder em 1964. O seu nome volta a aparecer publicamente porque ele é irmão de Ilma Lustosa, 88 anos, presa recentemente pela Polícia Federal, no Rio de Janeiro. Contra ela pesa a acusação de fazer de sua casa um entreposto para o contrabando de armamentos vindos dos EUA. Há uma troca de mensagens entre Ilma e o filho João Marcelo: "vou botar na Internet, irmã do general Iris Lustosa", afirmou ele, postando a foto da mãe com um fuzil. Ela respondeu: "Não faça isso, Marcelo, porque o nome do Iris está sendo procurado". Segundo a PF, João Marcelo é o chefe da quadrilha, que fornecia armamentos para o ex-PM Ronnie Lessa, preso pelo assassinato de Marielle Franco.

FOTOS: ZHOU HUA/XINHUA/AFP; JIANG HUAIPENG/XINHUA/AFP; REPRODUÇÃO

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Márcio Allemand (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Eduardo de Freitas Filho, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Taísa Szabatura e Valéria França
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, Alessandro Martins, André Ruoco, Heitor Pires, Jade Lourenção, Larissa Pereira, Letícia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira, e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora) e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano • Dandara Representações • **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira • 1a Página Publicidade Ltda. • **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros • Wem Comunicação • **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda • **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria • GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda • **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

O MENSALÃO DE BOL$ONARO

ESCÂNDALO

Ministro Milton Ribeiro cria estrutura paralela no MEC **controlada por lobistas evangélicos,** que vendiam vantagens para obtenção de verbas do Fundo de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Ele já é acusado de cometer **crimes de improbidade administrativa e tráfico de influência.** O presidente é o mentor do esquema

Vicente Vilardaga

FOTO: CLAUBER CLEBER CAETANO/PR
CAPA: CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

CONLUIO
Bolsonaro e Ribeiro em solenidade de valorização dos professores da educação básica: jogo de cena

ESCÂNDALO

AMIGOS Sob o olhar atento de Bolsonaro e do pastor Arilton (último à dir.), o pastor Gilmar faz suas pregações dentro do governo

Além de inoperante, o Ministério da Educação (MEC) virou um pardieiro, um ambiente sórdido e corrompido. Amparado pelo presidente Jair Bolsonaro, o ministro Milton Ribeiro criou uma estrutura paralela de poder dentro da pasta com o objetivo de obter propinas e vantagens ilícitas de prefeituras de todo o Brasil. Segundo o jornal O Estado de S.Paulo, esse gabinete controla a agenda e as verbas do MEC e é comandado pelos pastores Gilmar Silva dos Santos e Arilton Moura, que não têm cargos no governo e agem como lobistas. Desde o início do ano passado, eles veem intermediando verbas do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE) com os municípios para a construção de escolas, creches e fornecimento de equipamentos e serviços de educação. O esquema envolve um pesado tráfico de influência e para conseguir ter seus pleitos atendidos pelo ministério era preciso aceitar as condições propostas pelos intermediários. Recursos só eram liberados depois da anuência dos pastores, que circulavam com o ministro em aviões da FAB e participavam de dezenas de reuniões internas, mesmo sem função pública. Prefeitos que conseguiam o atendimento de suas demandas precisavam retribuir com dinheiro vivo, barras de ouro, contratos de compra de Bíblia e apoio para eventos pentecostais, promovendo cultos e contribuindo para a construção de igrejas. A situação de Ribeiro se tornou constrangedora e insustentável. Bolsonaro observa a crise e a catástrofe política que ela começa a causar, mas não dá sinais de que tirará o aliado imediatamente do cargo, até porque o presidente é o arquiteto da trama.

A bomba estourou no colo de Ribeiro depois que a gravação de uma fala dele em um encontro com prefeitos foi revelada pelo jornal Folha de S.Paulo, segunda-feira, 21. Nela, o ministro escancara a existência de um gabinete paralelo dentro da pasta. “Minha prioridade é atender primeiro os municípios que mais precisam. E segundo é atender a todos que são amigos do pastor Gilmar. Não tem nada com Arilton, é tudo com Gilmar”, disse Ribeiro. “Então o Gilmar, por que ele? Foi um pedido especial que o presidente da República fez para mim sobre a questão do Gilmar. Apoio. O apoio que a gente pede não é segredo. Isso pode ser publicado. Apoio sobre a construção de igrejas”. O ministro revela que a influência de Gilmar

LOBISTAS O pastor Arilton exigia compra de bíblias em troca do acesso às verbas do FNDE; Gilmar (à dir) é o principal operador do esquema

FOTOS: CAROLINA ANTUNES/PR; REPRODUÇÃO

prevalece sobre qualquer atendimento técnico para que uma ou outra prefeitura seja beneficiada pelo governo e que a ordem vem do próprio Bolsonaro. Diz também que busca apoio para a construção de igrejas, algo completamente alheio aos objetivos do ministério e que ofende o Estado laico. Tudo indica que uma das moedas de troca nas barganhas dos lobistas é a criação de facilidades para o a expansão de grupos pentecostais nos municípios beneficiados. É uma escandalosa interferência religiosa na gestão pública. Arilton, por exemplo, distribuia bíblias de sua editora em eventos do MEC.

Ao longo do ano passado, Gilmar e Arilton tiveram 18 encontros com o ministro em seu gabinete, segundo sua agenda oficial. Em outras várias ocasiões, em viagens, eventos e cerimônias o grupo voltou a se reunir. Os dois personagens são líderes evangélicos influentes e transitam com grande desenvoltura no governo desde que Bolsonaro chegou ao poder. Gilmar é presidente da Convenção Nacional de Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus no Brasil, além de pastor em Goiânia, e Arilton, assessor de assuntos políticos da entidade. Gilmar, considerado um pastor efusivo e espalhafatoso, foi visto ao lado de Bolsonaro pelo menos quatro vezes, desde 2019. Foi ele que organizou naquele ano uma caravana de religiosos ao Palácio do Planalto. Arilton tem uma editora de livros e é lobista profissional.

Em maio de 2021, em um evento com o ministro, Gilmar declarou que era o responsável do ministério em garantir verbas para as prefeituras. "Nós estamos fazendo o que ninguém nunca fez. Quero agradecer ao ministro e ao presidente porque eles acreditaram nessa proposta", disse. "Então nós estamos fazendo um governo itinerante, através da secretaria (sic) da Educação levando aos municípios os recursos, o que o MEC tem para os municípios." Em uma reunião na Bahia, em agosto, na cidade de Coração de Maria (BA), o ministro agradeceu em público aos dois pastores. "Meus amigos Arilton e Gilmar, muito obrigado. As coisas aconteceram também pela instrumentalidade dos senhores", declarou. Sem cargo no MEC, Gilmar fala em governo itinerante, o que indica que nas suas viagens pelo Brasil ele atua mascarado de funcionário da pasta.

ACINTE O prefeito de Luís Domingues, Gilberto Braga diz que lhe foi pedida uma barra do metal precioso

POR UM PUNHADO DE OURO

Prefeitos que estiveram com os lobistas Gilmar Silva e Arilton Moura têm narrativas semelhantes de cobranças de dinheiro vivo e de outros pedidos de "ajuda" a projetos religiosos em troca da satisfação de suas necessidades na área educacional. Primeiro vinha um sinal, na casa das dezenas de milhares de reais, e depois um pedido de uma quantia mais parruda, na ordem das centenas de milhares. Assim, Silva e Moura abriam portas no MEC.

Duas histórias contadas pelo jornal O Globo, dos prefeitos Kelton Pinheiro, de Bonfinópolis (GO), e José Manoel da Souza, de Boa Esperança do Sul (SP), confirmam pedidos de propina inicial que variavam de R$ 15 mil a R$ 40 mil, além da compra de bíblias para financiar projetos de instalação de igrejas.

Outro caso é o do prefeito de Luís Domingues (MA), Gilberto Braga (PSDB), que denunciou Arilton por ter pedido R$ 15 mil para interferir a favor do município. Pediu também uma barra de um quilo de ouro para obter verbas para construção de escolas e creches. Um quilo de ouro custa mais de R$ 300 mil.

Já o prefeito de Ijaci (MG), Fabiano Moretti, conta que o acesso aos lobistas evangélicos tornava imediatamente tudo mais fácil dentro do MEC, abrindo as portas do gabinete do ministro e até da casa de Ribeiro. Moretti conseguiu recursos do FNDE para a construção de uma creche na sua cidade.

ESCÂNDALO

BARGANHA Arilton, Bolsonaro, Ribeiro e Gilmar apresentam planos do MEC para prefeitos

A Procuradoria Geral da República (PGR), na quarta-feira, 23, pediu a abertura de um inquérito no STF para apurar as suspeitas sobre o ministro da Educação. O pedido decorre de pelo menos seis representações feitas por deputados e senadores ao procurador Augusto Aras para que o caso seja investigado. O senador Alessandro Vieira (PSDB-SE), em conjunto com os deputados federais Felipe Rigoni (União-ES) e Tabata Amaral (PSB-SP) e com o secretário municipal de Educação do Rio, Renan Ferreirinha, acionaram a PGR para que Milton Ribeiro seja processado pela potencial prática de improbidade administrativa e de crime de tráfico de influência. Para os parlamentares, o ministro utiliza sua posição para atender demandas pessoais do presidente da República e usa a máquina pública em benefício de um grupo. "Fica evidente que o ministro tem permitido a viagem do grupo de pastores nos aviões da FAB, participação das reuniões internas, envio de verbas públicas de acordo com solicitações dos pastores, além da suspeita de construção de igrejas com dinheiro público", diz o documento.

No pedido à PGR, os parlamentares também consideram que a laicidade do Estado e das ações governamentais foi violada pelo ministro. Houve outros seis pedidos para que Ribeiro seja convocado para se explicar no Congresso e, inclusive, para que seja criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). No dia 29, ele deve ser questionado no Senado. Diante de fortes indícios de irregularidades, o Tribunal de Contas da União (TCU) aprovou uma fiscalização extraordinária em todos os convênios do Ministério, para investigar sua estrutura de governança e identificar possíveis desvios na transferência de recursos financeiros. No ofício que determinou a medida, o ministro do TCU Vital do Rêgo disse vê indicações de que "a priorização na liberação de verbas estaria sendo negociada por pessoas alheias à estrutura formal daquela pasta, com favorecimento a grupos específicos".

"Essa situação é lamentável porque a gente vê uma repetição de comportamento. É um governo que cria estruturas paralelas de gestão. Já foi assim na Saúde e agora é na Educação", disse o senador Alessandro Vieira à ISTOÉ. "O presidente e alguns de seus ministros rejeitam as estruturas convencionais. O que se está fazendo se chama lobby, algo que envolve interesses financeiros e não está regularizado no Brasil.

DEFESA O deputado Sóstenes Cavalcante, presidente da Frente Evangélica cobra explicações de Milton Ribeiro e tenta livrar Bolsonaro de qualquer acusação

ASSOMBRO A deputada Tabata Amaral, que assinou o pedido de investigação para a PGR considera que os áudios do ministro são escandalosos e mostram seu afastamento da educação

FOTOS: CATARINA CHAVES/MEC; REPRODUÇÃO; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; LUIS FORTES/MEC; ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

INFLUÊNCIA Arilton e Gilmar participavam regularmente de eventos no Planalto e de reuniões no Ministério

A gente tem informação de que depois das audiências dos prefeitos com os pastores ocorria a liberação de recursos." A deputada Tabata Amaral também identifica um funcionamento distorcido do ministério. "São escandalosos os áudios em que o próprio ministro mostra que o objetivo dele nunca foi a educação", disse pelo Twitter.

Ribeiro divulgou uma nota de esclarecimento onde tenta se explicar sobre o ocorrido. Ele não desmente a veracidade do áudio, mas faz malabarismos para negar qualquer transferência de recursos para municípios de forma corrupta. "Diferentemente do que foi veiculado, a alocação de recursos federais ocorre seguindo a legislação orçamentária, bem como os critérios técnicos do FNDE. Não há nenhuma possibilidade de o ministro determinar alocação de recursos para favorecer ou desfavorecer qualquer município ou estado", afirmou. "Registro ainda que o presidente não pediu atendimento preferencial a ninguém." Dois dias depois da nota, ele veio à baila em uma entrevista para a CNN, na qual disse que Gilmar está sendo investigado desde agosto por denúncias de corrupção, tentando transferir a responsabilidade para o parceiro. Mesmo assim, teve pelo menos oito reuniões oficiais com ele depois da abertura da investigação.

Antes de chegar na imprensa, a nota do ministro foi distribuída para os deputados e senadores da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), na tarde de terça-feira, 22. Os membros da bancada religiosa do Congresso — 112 deputados e 11 senadores — ficaram incomodados com as denúncias porque elas aproximam religião de corrupção. O presidente da Frente Parlamentar Evangélica, deputado Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), passou o dia conversando com deputados e senadores tentando costurar uma posição conjunta sobre o caso e disse, ao final, em entrevista coletiva, que não ficou satisfeito com as explicações do ministro na nota. "Entendemos que os áudios são sérios e precisam ser esclarecidos", afirmou. "A nota do ministro não é suficiente para que tudo seja devidamente explicado". Cavalcante tratou de se distanciar de Ribeiro, reforçando que ele não foi indicado pela bancada, e a blindar Bolsonaro, dizendo que a citação do nome do presidente na gravação é uma "prática da política".

O que acontece no MEC é um aparelhamento pentecostal com fins espúrios. Em vez de pensar em educação, que vive uma crise profunda, o ministro enveredou pelo caminho de fomentar a construção de igrejas pelo País e de encher o bolso de pastores lobistas. O projeto de privilegiar o interesse pecuniário e religioso em detrimento do critério técnico na gestão está associado com a guerra ideológica promovida por Bolsonaro. A estrutura paralela criada pelo presidente e seu ministro se assemelha ao esquema de propinas do Mensalão e demonstra que as relações no MEC estão corrompidas e algo precisa ser feito para conter Ribeiro. O foco do ministério, hoje, está orientado para a destruição do Estado laico e não para a melhoria do ensino. Para quem diz que é incorruptível, o escândalo na educação é uma ducha de água fria. Mostra como o governo funciona, sempre criando um núcleo de poder obscuro onde se tomam decisões totalmente desalinhadas com o interesse público. ■

DENÚNCIA Para o senador Alessandro Vieira, o caso do MEC prova que o governo cria estruturas paralelas em todas as pastas, da saúde à educação: facilidades para liberar recursos

IRMÃOS DUROV
Os russos Pavel (à esq.) e Nikolai dirigem o aplicativo Telegram e confundem liberdade com ilegalidade

COMO FUNCIONA A MÁQUINA DE ÓDIO DO TELEGRAM

A rede de mensagens que mais cresce no Brasil se transformou em uma ferramenta para destruir a sociedade. Ao ignorar a Justiça e garantir o anonimato dos usuários, ela virou um terreno fértil para a manipulação política e para crimes como pedofilia, venda de armas ilegais e comércio de drogas. Agora, o STF tenta impedir que a plataforma subverta a democracia ao divulgar desinformação sobre as eleições

Marcos Strecker e Eudes Lima

O risco de interferência indevida nas eleições está fazendo a sociedade conhecer melhor o Telegram, rede social que se transformou em território livre para todo o tipo de crimes e desinformação. Lançado em 2013 na Rússia, o aplicativo se expandiu rapidamente e tem 500 milhões de usuários ativos em vários países. No Brasil, o crescimento é vertiginoso. Em 2019, apenas 13% dos smartphones usavam a plataforma. Neste ano, 60% dos brasileiros já usam o serviço em seus celulares, segundo a pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box.

O problema é que a rede cresceu permitindo que todos os usuários a usem de forma anônima e sem restrições de conteúdo. Isso transformou a plataforma em um espaço aberto para vários crimes: propaganda nazista, pedofilia, tráfico de drogas, produção de dinheiro falso, estelionato, venda de armas, comércio de bancos de dados com informações pessoais (RG, CPF) e circulação de tutoriais para falsificar documentos. Até recentemente, esse tipo de conteúdo só era disseminado na chamada Dark Web, longe dos olhos das autoridades e do público leigo. "O Telegram deixou isso trivial para o usuário comum", afirma Fernando Paiva, editor do Mobile Time, site que faz o mapeamento do crescimento da plataforma.

O aplicativo abriga, por exemplo, um grupo intitulado "estupro". Nele, é possível ler a seguinte mensagem: "As mulheres não passam de pedaços de carne, autômatos sem alma, sem a

ILUSTRAÇÃO: LÉZIO JUNIOR A PARTIR DE FOTOS DE REPRODUÇÃO

mínima capacidade criativa". No grupo "e-Crime Store", os usuários se dedicam a burlar sistemas bancários, divulgar informações sigilosas de CPFs e explicar como roubar dados e senhas, além de vender cartões de crédito falsos. Na última semana, ele contava com 14,6 mil usuários, sendo 821 ativos. O "vendo armas e munições" ostentava rifles, pistolas e revólveres de todos os calibres. O administrador sugeria que os pagamentos fossem feitos na moeda virtual Bitcoin: "É o método de pagamento mais comum, para evitar rastreamento". No Telegram ainda há comercialização de drogas e pedofilia e é fácil encontrar apologia ao racismo e à homofobia, além de zoofilia e necrofilia.

O ministro do STF, Alexandre de Moraes, exige que o Telegram se adeque às leis nacionais para continuar no País

O fato de a rede funcionar abaixo do radar das autoridades, tendo até o último dia 26 ignorado todas as tentativas de contato do Judiciário, também a transformou em uma importante ferramenta política no Brasil. No Telegram proliferam discursos de ódio, fake news sobre vacinas e informações falsas sobre urnas eletrônicas. E foi exatamente o risco às eleições de outubro que colocou a rede na mira do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do Supremo Tribunal Federal (STF).

A reação partiu do ministro Alexandre de Moraes, do STF. A pedido da Polícia Federal, ele determinou o bloqueio do aplicativo no dia 18. Tomou essa atitude, entre outras razões, porque a plataforma vinha sendo utilizada pelo blogueiro bolsonarista Allan dos Santos para burlar ordens judiciais. Investigado por difusão de fake news e por integrar milícia digital para atacar a democracia, Santos migrou para esse aplicativo após o bloqueio de seus canais em outras plataformas.

A forma de fazer o Telegram se submeter às leis estava em discussão há tempos nas cortes superiores. O bloqueio era a medida mais extrema em consideração, e também a mais vulnerável a críticas. Mas se mostrou plenamente efetiva, o que garantiu o apoio de outros ministros a Moraes. Dois dias depois da sentença, o ministro pôde revogar a decisão pois o próprio dono do aplicativo, Pavel Durov, divulgou "desculpas públicas", alegando que a Justiça tinha tentado se comunicar com um "email defasado". Também cumpriu todas as exigências de Moraes. Bloqueou os perfis relacionados a Santos, que está foragido nos EUA, excluiu uma mensagem de Bolsonaro que divulgava um inquérito sigiloso da PF sobre ataque hacker ao STF, designou um representante legal no Brasil e anunciou que vai monitorar os cem maiores canais brasileiros da plataforma. Ao todo, a rede anunciou sete medidas de combate às fake news.

PROCESSO ELEITORAL

Essa conversão não significa que a empresa passou a reconhecer e respeitará o ordenamento jurídico brasileiro. É necessário acompanhar a disposição da rede. O ministro Edson Fachin, atual presidente do TSE, havia proposto uma reunião no dia 24 com a plataforma para combater às fake news. A rede se comprometeu a comparecer. Isso representou um primeiro teste. Diferentemente do Telegram, oito plataformas digitais já fizeram um acordo nesse sentido com o TSE: Twitter, TikTok, Facebook, WhatsApp, Google, Instagram, YouTube e Kwai. Todas se comprometeram a manter mecanismos de filtragem de informações enganosas, a remover conteúdo em desacordo com as regras, assim como trazer informações oficiais sobre o processo eleitoral.

O cerco judiciário atingiu em cheio o bolsonarismo. Investigado por disseminar informações falsas sobre as urnas eletrônicas, o presidente foi o maior crítico da decisão. Disse que o bloqueio foi um "crime" que "pode causar óbitos". O Telegram se tornou um instrumento fundamental dos aliados do presidente e seu eventual bloqueio pode quebrar a perna da campanha da reeleição. Bolsonaro tem um canal com 1,3 milhão de seguidores, o maior da plataforma no Brasil. Apenas por causa da ameaça de banimento, os perfis dele e de seus filhos Flávio (114 mil) e Carlos (98 mil) conseguiram quase 130 mil novos seguidores. Os partidários do presidente usam ativamente a rede. Uma das maiores aliadas, a deputada Carla Zam-

belli, tem mais de 140 mil seguidores. Esse é um território praticamente inexplorado pela oposição. Os outros presidenciáveis ainda estão praticamente ausentes dessa rede, que é a que mais cresce no Brasil: Lula tem 52 mil seguidores, Ciro Gomes reúne 19 mil e Sergio Moro, 5,9 mil.

Não é novidade o uso político da plataforma. A PF já havia suspeitado da conivência da rede com o vazamento das mensagens da Lava Jato em 2019. Foi a divulgação das mensagens no Telegram de Sergio Moro e dos procuradores da operação que levou à série de reportagens do jornalista Glenn Greenwald no site "The Intercept". O dono do Telegram, o bilionário Pavel Durov, é uma figura polêmica que costuma se exibir em fotos sem camisa e já precisou transferir a sede da companhia em diversas ocasiões por causa dos problemas com a justiça: depois da Rússia, a companhia já se mudou para a Alemanha, Reino Unido, Cingapura e Dubai, onde fica atualmente. Ele criou a plataforma com o irmão, Nikolai, e sempre tentou defender seu uso como instrumento libertário e democrático. É uma meia verdade que esconde um maroto interesse comercial. A rede foi uma ferramenta importante contra a repressão política em países como Belarus, Irã e Ucrânia. Mas, desde que as democracias passaram a ser ameaçadas pelas campanhas conspiracionistas da direita alternativa, ela tem sido a única grande plataforma a se negar a combater a desinformação, na contramão das big techs. Agora, o cerco está se fechando.

Isso pode servir de alerta para Bolsonaro, que ainda conta com o Telegram para contestar o resultado das eleições. Se insistir, o presidente pode ter o mesmo destino dos líderes extremistas com os quais contava para criar uma aliança internacional. Trump foi banido do Twitter e do Facebook após a tentativa de invasão do Congresso americano em janeiro de 2020. Isso acabou com a principal forma de comunicação do americano, que sempre ignorou a imprensa (como Bolsonaro faz no Brasil). Ameaçado, o Telegram já precisou se curvar à Justiça alemã, como faz agora no Brasil. É um sinal de que o tempo está fechando também no mundo digital para os aspirantes a autocrata. ■

PROCURADO O blogueiro Allan dos Santos está foragido nos EUA e conta com as facilidade do Telegram para se comunicar

O uso do Telegram como fonte vazamento de informações políticas é investigado pela Polícia Federal desde 2019, com mensagens da Lava Jato expostas ilegalmente

DUBAI Telegram mudou de país várias vezes, agora está nos Emirados Árabes

SEGUIDORES ILIMITADOS

OTelegram não serve apenas para troca de mensagens instantâneas. Também funciona como uma rede social, onde cada usuário pode ter um canal próprio com um número ilimitado de seguidores. As pessoas podem participar de grupos com até 200 mil pessoas – no rival WhatsApp, os grupos são limitados a 256 membros. "É útil e tem funcionalidades que atraem pessoas e empresas. É possível transmitir arquivos sem limite de tamanho, incluir robôs para a execução de tarefas e participar de chats secretos", explica Wally Niz, diretor da Navita, companhia de gestão de mobilidade corporativa.

FOTOS: ERALDO PERES/AP; REPRODUÇÃO

CRISE
Ministro Rogério Marinho entrega casas, mas mutuários não conseguem pagar as prestações

Mutuários no sufoco

Quase **600 mil beneficiários** do programa Casa Verde e Amarela não conseguem pagar as prestações das moradias e **correm o risco de perder os imóveis** construídos para a baixa renda

Marcio Allemand

Metade dos mutuários da faixa 1 do programa Casa Verde e Amarela, do governo federal, está inadimplente. Os contratos dessa faixa compreendem as famílias com renda mensal de até R$ 2 mil e, de acordo com os dados da Caixa Econômica Federal – a gestora do programa habitacional – o número de contratos inadimplentes da antiga Faixa 1 de renda, que era de 535 mil mutuários (44,4% do total), em 2020, passou para 587 mil (50%) em dezembro de 2021, um aumento de 5%. Segundo informações do Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), o principal motivo do crescimento da inadimplência foram os impactos econômicos da pandemia de Covid-19, em que muitos trabalhadores perderam renda.

Quanto às outras faixas, a Caixa informou que está com índices de inadimplência menores, porque negocia as prestações em atraso com os clientes. Já o MDR informou à reportagem da ISTOÉ que os beneficiários dos imóveis com parcelas atrasadas foram contemplados pelo antigo Minha Casa, Minha Vida, com as normas e legislação específicas do programa. Em relação ao programa Casa Verde e Amarela, o MDR afirma que novo programa federal de habitação de interesse social traz normas inovadoras e preventivas que visam reduzir os riscos de inadimplência nos futuros contratos com as famílias de baixa renda. Um exemplo é o percentual da renda familiar para o pagamento da prestação, que é definido com base na renda per capita. Ou seja: famílias mais numerosas terão percentual

Dados da Caixa Econômica Federal

menor de sua renda familiar comprometida para o pagamento da prestação.

Procurado pela reportagem, o MDR respondeu que está em tratativas com os atores envolvidos no programa habitacional para a criação de mecanismos legais que possibilitem a renegociação das dívidas existentes. A faixa de renda da família será levada em consideração, de modo que a proposta seja compatível com o orçamento dos beneficiários. Ainda segundo a Caixa, nenhuma família desse grupo foi retirada de seu imóvel em função de atrasos nos pagamentos das parcelas, até porque tal grupo tem um tratamento específico em que a Caixa não tem ingerência nenhuma e não pode, portanto, negociar. Depende das regras do MDR – e tal medida iria de encontro à decisão do STF, que estendeu até março deste ano a suspensão de despejos e desocupações em função da pandemia.

A inadimplência entre as famílias de renda mais baixa vem desde 2014, ainda no governo Dilma Rousseff, quanto então atingiu um índice de 25,5% dos contratos. "Naquela época, o programa habitacional ainda era o Minha Casa Minha Vida, criado em 2009 pelo então presidente Lula, e houve retomada dos imóveis", lembra o vice-presidente da Associação Brasileira de Mutuários da Habitação (ABMH), Wilson Rascovit. Ele diz que, exceto com mutuários da faixa 1, a Caixa só espera três meses e, por lei, o mutuário tem 30 dias para deixar o imóvel após ser noticiado. No caso da faixa 1, o prazo é maior. Rascovit diz que a maior preocupação da ABMH é em relação ao pagamento de juros. "Nós orientamos que o mutuário faça financiamento, mas que evite ações revisionais". Em relação aos mutuários da faixa 1, especificamente, ele explica que é necessário que esse mutuário consiga conquistar sua casa própria, pois existe um déficit muito grande no quadro habitacional do País. "Oferecemos orientação gratuita a esses mutuários. O que para nós pode parecer um valor irrisório – as prestações variam de R$ 80 a pouco mais de R$ 100 – para aquele mutuário da faixa 1, que ganha um salário mínimo, fica inviável".

ALERTA Para Wilson Rascovit, da ABMH, a maior preocupação está na cobrança de altas taxas de juros

Rascovit explica que antes os inadimplentes não perdiam os imóveis, risco que agora é real. O mutuário recebe uma notificação avisando que tem até quinze dias para efetuar o pagamento. Se não pagar, ocorre a consolidação do imóvel e o agente financeiro tem por obrigação mandar para leilão através da lei 9514/97. Ele lembra também que estamos em ano de eleição, e o governo deve usar o programa habitacional para conquistar mais votos, além de frear a retomada de imóveis pelos próximos meses. "Depois das eleições, porém, é bom não bobear nem atrasar as parcelas, pois esses 50% de inadimplentes estão arriscados, sim, a perder seus imóveis". ■

OBRAS ELEITOREIRAS As casas populares deverão ser moeda de troca nas eleições: mais imóveis e menor retomada das moradias inadimplentes

FOTOS: DÊNIO SIMÕES/MDR; TANIA REGO/AGÊNCIA BRASIL; REPRODUÇÃO

EXPERIENTE
O general manterá a militarização bolsonarista na campanha pela reeleição

Braga Netto, o vice inofensivo

Bolsonaro prefere o militar para compor a chapa presidencial porque tem medo de um quadro que possa levar ao impeachment e contar com a articulação dos políticos

Eudes Lima

Aparentemente o Centrão perdeu uma importante queda de braço com o Palácio do Planalto. Apesar da insistência por um quadro político para a vice-presidência, Bolsonaro quer continuar com um militar na função e escolheu o general Walter Souza Braga Netto, que deve deixar o cargo de ministro da Defesa até o fim de março. O militar não tem votos e menos ainda carisma, mas pode servir como um pseudopolítico que não fará sombra ao presidente. Não é de hoje que se comenta sobre a mania de perseguição do ex-capitão. Ele ficou boa parte do mandato em litígio com o seu vice, o general Hamilton Mourão, que tomou gosto pela vida pública e anunciou sua pré-candidatura ao Senado pelo Rio Grande do Sul. Mesmo sendo discreto, Mourão foi desautorizado várias vezes e colocado à margem do mandato.

Além do respaldo militar, Bolsonaro precisa ter alguém que não lhe cause medo de um impeachment. Em vários momentos o parlamento balançou, mas a desarticulação de um Mourão foi suficiente para dar fôlego ao presidente. Um vice mais astuto negociaria uma solução diferente. O mandatário já esteve do outro lado e sabe do perigo. No fundo, ele ainda teme que Braga Netto possa não ser tão inofensivo, mas nunca ao ponto de cobiçar a sua cadeira.

OS PRETERIDOS

HAMILTON MOURÃO

É o atual vice, mas o presidente sempre teve medo do general que se apegou ao poder e tem maiores ambições

TERESA CRISTINA

A ministra da Agricultura é o sonho do Centrão, mas será candidata ao Senado pelo Mato Grosso do Sul

PEDRO GUIMARÃES

O presidente da Caixa Econômica Federal teve seu nome sugerido, mas não tem viabilidade política

PERFIL DO GENERAL

Braga Netto teve sua primeira exposição antes mesmo de ser ministro de Bolsonaro. Ele liderou a intervenção militar no estado do Rio de Janeiro, em 2018, depois do decreto do presidente Michel Temer. Experiente e durão, o general é nascido em Belo Horizonte e, possivelmente, vai tentar falar com o povo mineiro que tem o segundo maior colégio eleitoral. A carreira do militar é exemplar, desde 1975 no Exército, ele representou o País na Polônia, Estados Unidos e Canadá. Braga Netto entrou no governo Bolsonaro como chefe da Casa Civil e está no Ministério da Defesa. Aos 66 anos, ele foi um dos entusiastas da aproximação com o Centrão e é visto como um conciliador.

2018 Braga Netto liderou a fracassada intervenção militar no Rio de Janeiro

O plano arquitetado pelo grupo político (PL, PP e Republicanos) era ter uma mulher, com melhor trânsito entre os parlamentares e que aproximasse Bolsonaro de uma elite econômica a qual o presidente não tem credibilidade. A favorita era a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, que será candidata ao Senado por Mato Grosso do Sul.

VAIDADE DO CAPITÃO

O natural para um presidente seria ter um vice que agregasse votos, um governador ou líder partidário influente. Exatamente o que Bolsonaro evita. Não está em jogo apenas a vitória nas urnas. A vaidade do mandatário em ver um militar de patente superior sendo seu subalterno, conta muito. Não está bem resolvida a questão da sua saída do Exército. Braga Netto, por sua vez, demonstrou lealdade em todo o mandato é um prêmio para quem se submeteu cegamente ao presidente. Quando houve os atos contra a democracia no Sete de Setembro, Braga Netto estava ao lado de Bolsonaro sobrevoando os eventos em Brasília e causando desconforto no alto comando militar. A contabilidade política, no entanto, é frágil. Bolsonaro não está em condições de desprezar políticos que possam atrair votos e palanques nos estados. Sem somar nenhum apoio eleitoral, ser vice não faz muito sentido. ■

FOTOS: ADRIANO MACHADO/REUTERS; FERNANDO SOUTELLO/AGIF; MARCOS CORRÊA/PR

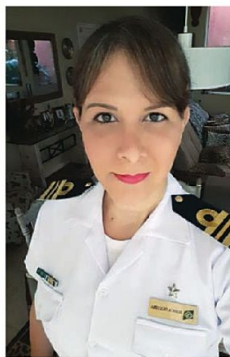
DISCRIMINAÇÃO NOS QUARTÉIS

JOVEM
Bruna Marx entrou na Marinha aos 17 anos e foi reprimida na caserna

Uma dezena de soldadas trans ocupam postos nas Forças Armadas, mas denunciam serem vitimas de todo tipo de perseguição e a maioria acaba sendo aposentada compulsoriamente depois que revelam sua opção sexual

Marcio Allemand

Maria Luiza ingressou na Força Aérea Brasileira (FAB) em 1979, uma jovem sonhadora. Ela lembra que ainda muito pequena, ao ouvir qualquer barulho nos céus, corria para o quintal da casa onde morava, no interior de Goiás, e ficava admirando os aviões cruzando o alto. Daí a ingressar na FAB, se formar em mecânica de aviação e trabalhar com motores de aviões militares, foi um pulo. Ficou 22 anos na Aeronáutica, nunca teve uma punição sequer e foi várias vezes condecorada. Até que, ao assumir sua transexualidade, em 1998, passou por todo tipo de humilhações. Foi proibida de usar a farda masculina, depois rejeitaram que ela usasse a feminina, até que foi obrigada a se apresentar com roupa civil. Dois anos depois, ela viu sua carreira ser interrompida contra sua vontade.

O laudo apresentado pela FAB atestava transexualidade, na época considerado um transtorno mental, como a causa para sua aposentadoria compulsória. "Aquele resultado me pegou de surpresa. Eu era uma profissional exemplar. Esperava aceitação. Na minha cabeça, era só uma questão de mudar os documentos e o fardamento. Foi uma ruptura traumática", relata Maria Luiza, primeiro caso de militar trans no Brasil, hoje com 61 anos, e voz emocionada de quem ainda carrega uma ferida aberta. Em 2002, entrou na Justiça para reverter a aposentadoria e, em 2014, uma sentença em primeira instância anulou o processo e determinou sua volta à ativa. Mas em virtude dos recursos apresentados, essa volta se deu apenas no papel. Até hoje o processo ainda está no Superior Tribunal de Justiça (STJ), aguardando para ser julgado o embargo de declaração apresentado pela Advocacia Geral da União (AGU).

ADVOGADA Após ser demitida da Marinha, Bianca acabou se formando em advocacia e defendeu inúmeros colegas trans

De lá para cá, as coisas mudaram um pouco, mas as Forças Armadas continuam sem saber o que fazer para lidar com os casos de militares trans. Ainda mais depois da decisão, em 2018, da Organização Mundial da Saúde (OMS), que deixou de considerar a transexualidade um transtorno mental e fixou o prazo de 1º de janeiro de 2022 para que ela fosse adotada por todos os países que integram o organismo. Por conta de ter sido considerado um transtorno mental por 28 anos, vários outros militares trans passaram por situações semelhantes às vividas por Maria Luiza.

É o caso da capitã-de-corveta da Marinha, Bianca Figueira, de 50 anos, que, em 2008, após 21 anos de carreira militar, decidiu revelar sua transexualidade. Até então, Figueira, como era conhecida, era uma militar gabaritada, com funções de comando e respeitada por todos. No dia seguinte após ter revelado sua condição, foi destituída de suas funções. Ela diz que ainda hoje o posicionamento das Forças Armadas diante dos casos de militares trans não é de receptividade. "Eles arrumam logo um afastamento porque eles não sabem o que fazer com elas, já que hoje as mulheres podem assumir qualquer cargo, o que não acontece com as trans. "As Forças Armadas precisam propor um tipo de aceitação e acolhimento diferente do que aconteceu com os seis militares trans reformados. Hoje, há nove militares trans na ativa, fora os que ainda não relataram sua transexualidade".

Para o defensor público federal Thales Arcoverde Treiger, já houve um avanço, mas na Marinha ainda há resistência. "No geral, há um machismo muito grande nas Forças Armadas e isso é próprio da questão militar. O que me chama a atenção é a sexualização da situação. Que banheiros e alojamentos usar, por exemplo?". Thales foi procurado em 2017 por Bruna Benevides, também militar trans e atualmente uma das maiores referências na defesa de direito das pessoas trans no Brasil, para entrar com uma ação civil pública e uma ação individual contra a Marinha do Brasil.

Bruna é 2º sargento e entrou para a Marinha em 1997, com apenas 17 anos. Diz que a Marinha salvou sua vida. "Vivia num ambiente muito repressor e estava destinada em agarrar qualquer bóia que me tirasse dali. Entrar na Marinha foi um respiro", confessa. Logo começou a sofrer perseguições por não fazer o tipo másculo. "Era tudo muito contraditório porque eu sempre fui uma militar exemplar", conta Bruna, que conheceu Bianca em 2008, quando ressurgiu o desejo de assumir sua transexualidade no ambiente de trabalho.

Assim que recebeu o laudo de seu afastamento, entrou com uma ação e conseguiu impedir sua reforma. Desde então, ela está afastada, mas não reformada porque a Justiça determina que a transexualidade não é motivo para exclusão. Sua ação agora está no STJ. Para Bruna, a forma como as Forças Armadas escolheram lidar com as pessoas trans denuncia as violações dos Direitos Humanos e da individualidade dos cidadãos. "Nossa luta é para que a nossa condição de trans deixe de ser vista como uma incapacidade e que a sociedade entenda que pessoas trans têm muito a contribuir para a democracia e a construção dos direitos individuais". O Brasil ainda está longe de respeitar os direitos humanos de seus soldados. ■

PIONEIRA Maria Luíza assumiu sua codição de transexualidade em 1998: aposentada pela FAB

Governo de São Paulo consegue índices inéditos de despoluição no rio Pinheiros e inicia nova etapa no trabalho de reurbanização, abrindo caminho para feito comparável ao realizado por grandes metrópoles internacionais

Marcos Strecker

A despoluição de um dos principais rios da cidade de São Paulo, o Pinheiros, era um dos maiores desafios ambientais urbanos do País e gerou promessas frustradas por décadas. Agora, o governador João Doria, que passará o bastão da administração estadual para o vice Rodrigo Garcia no próximo dia 2 para iniciar sua corrida à Presidência em outubro, inaugurou uma nova fase nas obras e comemora os resultados de um ambicioso projeto iniciado em 2019. A transformação do rio que corta uma das áreas mais valorizadas da capital paulista tem tudo para virar um dos principais cartões postais da sua campanha. O objetivo ambicioso é repetir o feito já realizado por Paris, com o rio Sena, e por Londres, com o rio Tâmisa. Paris ganhou até praias artificiais nas margens do seu rio mais famoso. E a margem sul do Tâmisa recebeu vida nova após séculos, com direito ao London Eye, roda-gigante imitada em todo o mundo, e o teatro original de Shakespeare renascido após trabalhos arqueológicos. Esse espaço modernizado virou uma das regiões mais valorizadas da capital britânica. Na América Latina, Buenos Aires criou um novo marco turístico no Puerto Madero, região degradada de antigos galpões logísticos de transporte fluvial que se tornou um shopping center e polo

Em busca do Sena br

NOVA FASE
O governador João Doria na inauguração das obras da nova Usina São Paulo, no rio Pinheiros, na quinta-feira, 24

de restaurantes descolados.

Na última quinta-feira, 24, Doria deu início às obras de revitalização da Usina São Paulo (antiga Usina da Traição), que se espelha no exemplo argentino. Depois de vencer a concessão do espaço por R$ 280 milhões, um consórcio inaugurou os trabalhos para a implantação de restaurantes, lojas, cinema ao ar livre, escritórios e mirante com vista 360 graus. Esse complexo, que deve ficar pronto até 2024 (a concessão vai até 2042), vai se conectar com um novo parque linear, batizado de Bruno Covas, que corre paralelo ao rio em dois trechos de 8,2 quilômetros e 8,9 quilômetros. Parcialmente em funcionamento, ele já tem ciclovia, pista de caminhada, play-

asileiro

grounds e, áreas de piquenique. Nos próximos meses ganhará quadras de basquete, beach tennis e vôlei. O acesso pode ser feito por uma linha da CPTM que corre paralela ao Pinheiros. Esse novo marco é uma aposta ousada e depende da efetiva concretização da recuperação do rio. Doria exibiu números para provar que, finalmente, a despoluição começa a se concretizar. Diferentemente de tentativas anteriores, quando apenas eram retirados os detritos do fundo do rio, ou então eram feitas experiências de oxigenação do rio, o projeto atual de saneamento básico da bacia do Pinheiros ataca a raiz dos problema: a ligação de rede de esgoto nas regiões que despejam efluentes no rio. Os contratos da atual gestão subordinaram os pagamentos às empresas contratadas a metas de ligações realizadas (no passado, dragas chegaram a ser flagradas despejando de volta ao rio o material já coletado). E os números são impressionantes: 554 mil imóveis foram conectados à rede de

CARTÃO POSTAL Ponte Estaiada no rio PInheiros: depois da despoluição, a região está ganhando um parque linear e deve se transformar em uma área turística da capital

água e esgoto pela Sabesp. Mais de 1,6 milhão de pessoas passaram a contar com esgoto tratado.

Isso não resolve o problema. Segundo a administração estadual, estão sendo construídas em nova etapa do programa cinco Unidades Recuperadoras para conectar áreas informais e locais onde não há viabilidade para a passagem dos coletores. Por exemplo, regiões de ocupação irregular.

85% DAS ÁGUAS MENOS POLUÍDAS

Essas providências já trouxeram resultados práticos. Nada menos que 85% das águas do rio já têm mais oxigênio e menos poluição. Dos 13 pontos de monitoramento do manancial, 11 já apresentam o chamado DBO (Demanda Bioquímica de Oxigênio) abaixo de 30 mg/l, quantidade mínima para que a água não tenha odor, melhore a turbidez e permita a vida aquática. São resultados surpreendentes para um rio que a população já considerava condenado. Resta resolver a situação dos outros rios que abastecem a cidade e se conectam ao próprio Pinheiros. Mas aí também há notícias encorajadoras. As medições de esgoto doméstico que chegam por meio de afluentes ao Pinheiros tiveram redução de 45 para 26 toneladas/dia. A tarefa é hercúlea, mas há mudanças importantes. Basta lembrar que a segunda maior cidade de São Paulo, Guarulhos (1,3 milhão de habitantes), despejava praticamente todo o seu esgoto in natura no rio Tietê. Agora, sua rede está sendo conectada à companhia estadual de saneamento.

Há razões para ceticismo da população por tantas promessas que não foram cumpridas nos últimos 70 anos. Mas Doria espera, de fato, ter inaugurado um novo capítulo na reurbanização da cidade. Na região da marginal Pinheiros já está um dos novos cartões postais de São Paulo, a ponte Estaiada. Agora, o novo rio Pinheiros pode virar uma nova fronteira de modernização do município e significar também um farol para novas transformações no País. A Baía da Guanabara, por exemplo, até hoje aguarda sua despoluição. O Marco do Saneamento recém-aprovado pelo Congresso pode dar um empurrão para esses projetos. Mas o tucano conta com sua iniciativa pioneira para abrir uma trilha que o leve até Brasília. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO SIMA

Plataforma de informação

O jornalismo da **Editora Três** sempre contribuiu para o fortalecimento do Brasil. Entregamos aos leitores o acesso completo à informação e opinião, de maneira ágil e precisa, seja pela internet, redes sociais ou na versão impressa. Por isso, para se manter bem informado e capaz de dialogar sobre os conteúdos relevantes para a sociedade, escolha nossas marcas.

www.istoe.com.br

Uma revista semanal com jornalismo de qualidade, para ajudar o leitor a esclarecer o que é falso e o que é verdadeiro diante dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

www.istoedinheiro.com.br

Única revista semanal de negócios, economia e finanças do País, avaliando e informando sobre tudo o que acontece no mercado.

Siga também pelas redes sociais

Siga pelas redes sociais as notícias de última hora, a atualização dos fatos e novidades quentíssimas a qualquer hora e qualquer lugar.

www.revistamenu.com.br

www.revistaplaneta.com.br

e conteúdo

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

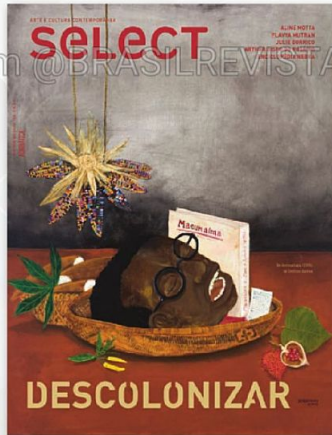
www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Já nas melhores bancas de sua cidade.

SAC - Serviço de Atendimento ao Cliente
São Paulo **(11) 3618-4566** • Outras capitais **4002-7334** • Interior **0800 888-2111**, de segunda a sexta das 10h às 16h20 e sábados das 9h às 15h.

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**

Resistência cultural

A pacata cidade de Prudentópolis, no interior do Paraná, manteve as tradições e a língua dos imigrantes ucranianos presentes no cotidiano por mais de um século. Com a invasão russa, moradores protestam pela paz e se preparam para receber refugiados

Taísa Szabatura

Luto, indignação, mas também orgulho e esperança são os sentimentos que compõem o clima atual do pequeno município de Prudentópolis, localizado a 200 quilômetros de Curitiba, capital do Paraná. A cidade de 52 mil habitantes tem hoje cerca de 80% de sua população formada por descendentes de ucranianos, e por causa do isolamento e forte religiosidade, manteve intactos diversos costumes dos antepassados vindos da região ocidental da Ucrânia ainda no século XIX. Grupos de danças folclóricas, bordados para a roupa e para a casa, missas realizadas em ucraniano conforme o rito bizantino e até escola e jornal bilíngues fazem parte da rotina do município em 2022. Ao contrário das grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, que receberam milhares de europeus para trabalhar em grandes plantações, as famílias que chegaram até a região se mantiveram em pequenas comunidades.

Para o pesquisador do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e especialista em Leste Europeu, Anderson Prado, os primeiros imigrantes da região da Galícia chegaram ao Paraná na década de 1890, inicialmente ocupando regiões na divisa do estado com Santa Catarina, nas proximidades do município de União da Vitória. "Essa comunidade, porém, estava saturada, o que fez com que mais de seis mil pessoas se mudassem para a região que viria a ser Prudentópolis. O estabelecimento dessas primeiras famílias já foi um deslocamento interno", explica. Para a pro-

RELIGIÃO
A Paróquia São Josafat é a principal igreja da cidade: rito bizantino

TRADIÇÕES Maria Inêz Skavronski passou o bastão para a filha Maithê no grupo de dança folclórica

fessora de História, Maria Inêz Antonio Skavronski, moradora e estudiosa da cultura ucraniana no município, é difícil definir exatamente a região de quem veio. "As primeiras famílias vinham registradas como austríacas, já que a região fazia parte do Império Austro-húngaro", diz. Ela, que é da terceira geração de uma família de ucranianos, se casou com um filho de poloneses, mas o que impera na casa são as comidas típicas do país natal, como o Varenik, e os símbolos religiosos característicos da igreja católica Ucraniana.

A filha Maithê, de 15 anos, assim como ela no passado, dança no grupo folclórico Vesselka, que honra o povo cossaco, um dos primeiros grupos a se estabelecer na Ucrânia. Com roupas de um passado distante, flores e espadas, as danças típicas movimentam a vida cultural. Para Maria Inês, que fez sua dissertação de mestrado sobre a presença do catolicismo ucraniano em Prudentópolis, foi a vida religiosa dos moradores que manteve a memória dos imigrantes presente na cidade. "A manutenção dessa identidade étnica só foi possível por causa das práticas religiosas que passam de geração a geração", diz.

Um de seus antigos alunos do colegial, o dentista Rodrigo Michalovski, de 31 anos, é prova disso. Membro da quarta geração de nascidos no Brasil, ele fala fluentemente o ucraniano, é um dos membros do grupo Vesselka e se tornou praticamente o embaixador da cidade. Por seus olhos claros, orgulho de suas origens e habilidade nos palcos, apareceu em programas de televisão e até em um comercial de uma companhia aérea. "Fiquei muito indignado quando Bolsonaro se disse solidário à Ucrania", diz. Ele explica que nunca foi um apoiador do governo atual. Mas até conhecidos que eram bolsonaristas ficaram indignados com a fala do presidente. "Tenho amigos na Ucrânia, muita gente aqui tem parentes lá, não tem como defender essa ideia de que a cultura ucraniana não existe. A história das nossas famílias é a prova do contrário", afirma.

Por ser chamada de a "Pequena Ucrânia" e por ter o maior número de descendentes do país no exterior, Prudentópolis virou até vitrine para o mundo. O prefeito Osnei Stadler fez um convite formal aos habitantes do país que quisessem buscar refúgio na região e uma igreja evangélica trouxe 29 ucranianos que devem adotar a cidade como moradia temporária e talvez permanente. Os refugiados estão em Guarapuava, até que possam se mudar para Prudentópolis, onde passarão a morar em casas que estão em construção. O terreno será doado pela Prefeitura e os trâmites estão em andamento. O sentimento de solidariedade, dessa vez expressado em atitudes de cidadãos do Brasil, e não por líderes em busca de votos, nunca foi tão forte e corajoso. ■

COSSACO O dentista Rodrigo Michalovski fala ucraniano e reverencia o passado guerreiro: orgulho das origens

OS PRIMEIROS UCRANIANOS

Enquanto a região histórico-geográfica chamada Galícia, localizada na parte oriental da Polônia e ocidental da Ucrânia, sofria com a miséria e a falta de terras cultiváveis, o Brasil do século 19 incentivava a imigração. Apesar dos primeiros registros da chegada de ucranianos ao porto de Paranaguá ser de 1881, foi apenas a partir de 1894 que os deslocamentos começaram em grande escala. Após se estabelecerem em Curitiba, as famílias formadas majoritariamente por agricultores fundaram a colônia Antônio Olinto, na divisa com Santa Catarina. Só então se espalharam por municípios da região, chegando até Prudentópolis em 1896.

FOTOS: JOEL ROCHA

Em busca de segurança, boa educação e qualidade de vida, milhares de brasileiros decidiram deixar o País no ano passado rumo ao Canadá

Eduardo F. Filho

Moradores de Ponta Grossa, cidade com 350 mil habitantes no interior do Paraná, Felipe José Lopes, de 31 anos, e Luiz Diego de Oliveira, 34, não queriam entrar para as estatísticas das vítimas do preconceito. Recém-casados, viviam um cotidiano de ansiedade e receio de perseguições. "Estávamos sempre em alerta e com medo de sermos agredidos", diz Felipe. Começaram, então, a procurar outros países para morar. Desejavam qualidade de vida, segurança e apoio à comunidade LGBTQIA+. Encontraram o lugar perfeito: o Canadá.

"Há um processo de imigração consolidado e eles precisam da mão de obra dos imigrantes. A população é mais idosa, por isso a chegada de jovens é valorizada", afirma Luiz. Felipe se mudou para o país com um visto de estudante,

TOLERÂNCIA
Felipe e Luiz: segurança para andar nas ruas sem medo do preconceito

FOTOS: REPRODUÇÃO; ISTOCKPHOTO

pois era mais fácil e rápido de obter. Luiz, por ser seu cônjuge, adquiriu mais tarde um visto semelhante. A empresa onde ele trabalhava auxiliou o casal a obter a residência permanente no país e, antes mesmo de o visto de estudante expirar, ambos já haviam recebido a autorização para morar definitivamente no Canadá. "No começo achamos estranho experimentar uma sensação tão grande de segurança. Aqui foi a primeira vez em que pudemos andar de mãos dadas na rua, sem críticas e olhares atravessados", diz Felipe.

É cada vez maior o número de brasileiros que decidem sair do País para viver em outro lugar. A decisão é geralmente baseada em três pilares: segurança, qualidade de vida e educação. Só em 2021, segundo dados do governo canadense, cerca de 11.500 brasileiros receberam a residência permanente, um crescimento de 116% se comparado com o mesmo número de 2019 (5.290), último ano antes da pandemia. Em 2020, o índice teve uma queda por conta da Covid-19, mas mesmo assim foi alto: 3.695 pessoas.

Uma delas foi a jornalista Mayra Feitosa, de 34 anos. Ela e o marido se mudaram para o Canadá em busca de uma educação melhor e com bom custo-benefício – as mensalidades das boas universidades da província do Atlântico, para onde se mudaram, chegam a ser a metade do valor cobrado por faculdades nas cidades de Toronto e Quebec. Mayra não demorou para encontrar um emprego em uma empresa de call center. Logo nos primeiros dias, foi avisada de que em três meses poderia aplicar para a residência permanente no país – ela não pensou duas vezes. "Quando voltei ao Brasil depois de dois anos, no final de 2021, sofri um choque de realidade. No Canadá as pessoas são educadas, pedem desculpas se esbarram em você. O ônibus não sai do ponto até você se sentar. Não é preciso esconder o celular na bolsa, as portas de casa e dos carros ficam abertas, pois não há criminalidade. É outra realidade", afirma Mayra, que pretende voltar ao Brasil apenas a passeio, para visitar a família.

Para a pedagoga Clayse Randow, 35, e o analista de sistemas Tiago Pontes, 37, a história foi um pouco diferente. A mudança para o Canadá vinha sendo planejada desde 2016, quando visitaram o país pela primeira vez e se espantaram com o respeito da população. Decidiram, então, que ela daria à luz lá. "Uma criança canadense tem mais chances e oportunidades que alguém que nasce no Brasil", acredita Tiago. A ideia deu início à ação: ele se matriculou em uma universidade e Clayse arrumou emprego em uma empresa que ajuda imigrantes a obter a cidadania. "Planejamento e estudo são essenciais. Quem vem para cá procura melhor qualidade de vida, e os canadenses precisam de mão de obra. Mas não adianta mergulhar de cabeça sem saber o que quer", diz Clayse. A pequena Chloe nasceu há 11 meses. "Nosso objetivo é formar uma familia e ter uma boa estrutura para viver tranquilamente. Isso nós estamos conseguindo", afirma o casal, que não pensa em voltar a morar no Brasil. ■

PLANEJAMENTO Clayse e Tiago: qualidade de vida para criar a pequena Chloe

EDUCAÇÃO Mayra Feitosa: em busca de universidades com bom custo-benefício

GOODBYE, BRASIL

Cresce o número de brasileiros que recebem residência permanente no Canadá

2.760 em 2017

3.950 em 2018

5.290 em 2019

3.695 em 2020

11.420 em 2021

★★★★★★

A opulência da CIDADE MATARAZZO

Com a inauguração de um hotel seis estrelas e pontos de alta gastronomia, o complexo arquitetônico renova o mercado de luxo no País e resgata uma parte importante da memória de São Paulo

Taísa Szabatura

GLAMOUR O bar Rabo di Galo: inspiração nos clubes de jazz dos anos 1930

As diárias de R$ 7,5 mil podem soar impeditivas, mas o Rosewood São Paulo, o primeiro empreendimento a ser inaugurado no complexo da Cidade Matarazzo, foi concebido para atender a todos – ou quase todos. Tanto os restaurantes quanto um de seus bares são abertos ao público, bem como a antiga capela Santa Luzia, de 1922, que realiza missas dominicais para até 180 pessoas.

Localizada ao lado da Avenida Paulista, a Cidade Matarazzo engloba dez edifícios tombados em um terreno de 30 mil metros quadrados. O projeto de R$ 2,7 bilhões de autoria do arquiteto francês Alexandre Allard deve ser finalizado até 2024 e abrigará, ao todo, 11 prédios. Além do hotel, estão previstos um shopping, outros bares e restaurantes, uma galeria de arte e um parque. A depender do sucesso do Rosewood São Paulo, o local será um divisor de águas, não só dentro do segmento de luxo, mas também na vida cultural paulistana. Os restaurantes Le Jardin, Blaise e Taraz, por exemplo, já começam a virar referência de alta gastronomia, assim como o bar Rabo di Galo, que oferece quitutes populares repaginados e coquetéis – a preços que podem chegar a R$ 4.700. Isso não parece ter espantado o público, que chega a esperar até três horas para desfrutar de um happy hour elegante, com ares de gala, em ambiente inspirado nos clubes de jazz norte-americanos dos anos 1930.

Os petiscos do bar têm chamado a atenção dos *foodies*, apreciadores da alta gastronomia. Principalmente a releitura do bolovo, bolinho frito com ovo cozido, batizado de Bolove. Com frango e caviar, custa R$ 135 a unidade. Para acompanhá-lo, que tal uma garrafa do uísque escocês *The Macallan M*, por R$ 13 mil? Há opção também por drinques autorais do local, criados pela chef de mixologia Ana Paula Ulrich, a partir de R$ 65. Não há acesso aos bares Belavista Rooftop Pool e o The Emerald Garden Pool: são exclusivos para os hóspedes.

"O hotel é feito para os brasileiros e recebe a todos. Nós esperamos que não seja um lugar para ser visitado uma vez por ano, mas semanalmente, seja para um drink ou um café, um evento ou até mesmo um encontro", afirma o gerente geral Edouard Grosmangin.

MODERNIDADE A Torre Mata Atlântica, de Jean Nouvel: celebração da natureza

PEQUENOS DETALHES QUE FAZEM A DIFERENÇA

< Le Jardin, Blaise e Taraz: restaurantes já fazem parte do roteiro da alta gastronomia na capital paulista

< História: projeto preservou a fachada da Maternidade Condessa Francesco Matarazzo

> "Sense of Place": exclusividade e atenção à cultura de cada país

TRADIÇÃO

O hotel, que abriu as portas em janeiro com 46 dos 160 quartos previstos, ocupa o prédio onde funcionava a Maternidade Condessa Filomena Matarazzo, erguida em 1943 e idealizada pelo Conde Francesco Matarazzo, imigrante italiano e um dos principais industriais do século 20. Ao lado, está sendo erguida a Torre Mata Atlântica, imponente projeto do arquiteto francês Jean Nouvel que se destaca dos outros prédios por seu visual moderno e que celebra a natureza. As suítes foram projetadas pelo designer Philippe Starck e oferecem mimos que podem ser levados para casa pelos hóspedes, como sandálias Melissa customizadas especialmente para o hotel. Apesar de sua proposta gigantesca, Grosmangi acredita que o sucesso do Rosewood está nos detalhes, entre eles os belos jardins, a biblioteca de arte, os terraços e a capela. "A diversidade dos restaurantes e bares e o alto nível de finalização", explica, fazem parte do conceito "Sense of Place", experiência exclusiva que conversa com a cultura do país onde a rede está inserida. "Esse segmento costuma ser o setor menos afetado pelas crises, e o que se recupera com maior rapidez. São Paulo tem demanda por quartos e ofertas desse nível. Aqui a procura por suítes mais amplas é maior que a oferta atual." A crise mundial, pelo jeito, passa bem longe do mercado de luxo. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO

SOLIDARIEDADE Marcos Langenbach na Fazenda Sofia, no Rio de Janeiro: o primeiro cultivo garantiu CBD para tratar a filha

Fazendas de Cannabis

Quatro associações de pacientes, que plantam para produzir remédio derivado da planta, já possuem liminar da Justiça para o funcionamento e duas delas acabam de conquistar sentenças favoráveis em primeira instância

Valéria França

Muitos conhecem e sabem dos benefícios à saúde. Outros já ouviram falar, mas estão cheios de desconfianças. Mas há um fato indiscutível: a Cannabis medicinal é um produto terapêutico, regulado pela Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa), desde 2019, e vendido nas farmácias do País, por ter propriedades comprovadas no auxílio dos sintomas de doenças como epilepsia, autismo e dores crônicas do câncer. Quanto mais os cientistas estudam, mais benefícios são descobertos. Porém, o produto não é acessível à maioria da população. O mais consumido, o óleo de CBD (Canabidiol, substância derivada da planta não psicoativa), de 30 mg/ml, sai por R$ 2,1 mil na farmácia, o similar importado, menos da metade do valor. Mas existem também os óleos artesanais, vendidos a uma média de R$ R$ 200 pelas associações de pacientes, que são organizações sem fins lucrativos, que plantam e fazem o produto. Para funcionar na legalidade, geralmente recorrem a liminares na Justiça. No país, existem cerca de 60 associações de médio e grande porte.

Plantar maconha é crime e se alguém faz isso, mesmo que seja para produzir remédio a milhares de doentes, pode ter sérias complicações. Por isso, as associações estão sempre em pendengas

FOTOS: CHICO FERREIRA; ISTOCKPHOTO

TÉCNICA As atividades de pesquisa recebem consultoria da Unicamp, que dosa os óleos da Apepi

judiciais para conseguir trabalhar. Entre as associações que viraram referência no país, a Apoio à Pesquisa e Pacientes de Cannabis Medicinal (Apepi), no Rio de Janeiro, com 3 mil associados, conseguiu dar um grande passo. Recebeu da Justiça uma sentença favorável ao plantio medicinal recentemente. "Entramos com uma ação civil na Justiça Federal para pedir o direito de plantio em 2019", diz o advogado da associação Ladislau Porto. "A decisão foi em primeira instância, a Anvisa vai recorrer, mas já é um grande passo."

Ao contrário de uma liminar, que pode ser cassada a qualquer momento, a sentença não e uma decisão frágil, apesar de ainda caber recurso à medida até que ela chegue ao Supremo Tribunal de Justiça. Pouco depois da conquista da Apepi, outra associação, a Mãesconhas Associação Cannábica do Brasil, também obteve uma sentença para o mesmo fim. "Atualmente temos quatro organizações de pacientes funcionando com liminares", diz o advogado Emílio Figueiredo, fundador da Reforma, uma rede de advogados que atende pacientes da Cannabis gratuitamente. "Atualmente muitos pacientes que não possuem condições de adquirir o óleo, entram com um pedido de liminar para cultivar e produzir o próprio remédio." De acordo com o especialista, já existem 600 decisões nesse sentido no Brasil. "A judicialização virou o caminho para o brasileiro conseguir o reconhecimento da legitimidade ao tratamento", completa ele.

Em abril, faz cinco anos que a primeira associação, a maior delas, a Abrace Esperança, da Paraíba, conseguiu a primeira liminar de funcionamento. A história da Cannabis medicinal é recente. Em 2015, Margarete Brito, de 49 anos, atual diretora da Apepi, era uma das mães que se uniram à Marcha da Maconha, no Rio de Janeiro, para lutar pelo direito da filha Sofia de se tratar com a planta. A menina é portadora de uma síndrome rara, CDKL-5 – nome do gene localizado no cromossomo X, importante para a codificação de proteína fundamental para o bom desenvolvimento do cérebro. Mutações desse cromossomo levam à encefalopatia epilética. Sofia não anda, não fala e usa fraldas. "Mas com o CBD as convulsões diminuíram em 90%", diz a mãe.

Mulheres como Margarete, chamadas de Mães da Cannabis, abriram o caminho para em 2015, a Anvisa regular a importação por pessoa física de produtos derivados da Cannabis. Até isso acontecer, Margarete assumiu a desobediência civil. Plantou e fez o óleo para filha tomar. "Outras mães começaram a bater a nossa porta pedindo o óleo", diz Marcos Langenbach, 43 anos, pai de Sofia,13. "Como negar ajuda a quem passava pelo mesmo problema que a gente", diz Margarete."Era devastador ver minha filha convulsionando", diz o pai. A ajuda foi se estendendo de tal forma que montaram a Apepi, que hoje tem uma fazenda de Cannabis, dá cursos, palestras e ainda mantém parceria com a Unicamp para pesquisa. ■

LABORATÓRIO Extração do óleo a partir da flor e envase do canabidiol na Fazenda Sofia

CONDIÇÕES EXTREMAS Soldados das Forças Armadas da OTAN estão na Noruega: exercícios bianuais

GUERRA CONGELADA

O degelo do Ártico acelera a corrida por ocupação militar, novas rotas marítimas mais econômicas e exploração de riquezas em área sem leis de proteção ambiental

Denise Mirás

Se mudanças climáticas ameaçam o planeta, o degelo no Polo Norte acelera possibilidades políticas e econômicas que se revelam em meio às águas aquecidas do Oceano Ártico: navios mercantes encurtam tempo e espaço entre Ásia e Europa, minérios preciosos e raros atiçam a cobiça de governos e megaempresários. A guerra congelada derrete com o rápido aquecimento daquela região, três vezes maior que em qualquer outra do globo. E, com a invasão da Ucrânia, essa fronteira desprotegida de leis ambientais ainda se abre para manobras militares mais acirradas. O Ártico se tornou um novo ambiente de disputa geopolítica.

Nessa corrida, tudo é permitido: exploração de riquezas naturais como gás, petróleo, urânio e cobre; rotas com navios cargueiros e quebra-gelo, e usinas nucleares. Além disso, há bases militares e são frequentes os exercícios com tropas lançando mísseis hipersônicos. Ao contrário da Antártica, que tem um tratado desde 1959 permitindo a ocupação de seu território somente por cientistas, o Ártico não é de ninguém e todo mundo é dono de alguma coisa ou quer um pedaço, na explicação do comandante Leonardo Mattos, professor de Política e Estratégia da Escola de Guerra Naval.

A Antártica é um continente cercado por oceano, enquanto o Ártico é um oceano cercado por terras. Ali, a maior extensão litorânea é da Rússia por onde passa a Rota Nordeste do Mar (NSR, na sigla em inglês), a principal da região. A segunda maior costa é do Canadá, com a chamada Passagem Noroeste, em desvantagem pela área emaranhada de ilhas. E as disputas se acirram quanto à extensão das plataformas continentais de cada país, em busca da mineração desenfreada. A NSR possui mar descongelado no alto verão, o que permite a passagem de navios. Com o aquecimento global, esse período de tempo se estende a cada ano, assim como se alarga a área de passagem. Esse caminho pela "tampa achatada" do planeta interessa especialmente à China, ao Japão e à Coreia do Sul, porque cargueiros economizam cinco mil quilômetros e dez dias nas viagens à Europa, em comparação à rota pelo Índico e Mar Vermelho, pela África.

São oito países que fazem parte do Conselho do Ártico, criado em 1996: Rússia, Finlândia, Suécia, Noruega, Islândia, Dinamarca (Groenlândia), Canadá e EUA. Mas a importância estratégica da região pode ser medida na quantidade de Estados-observadores que também estão por

FOTOS: OTAN/DIVULGAÇÃO; DIVULGAÇÃO; ALEXANDER NEMENOV/AFP

lá (China, França, Reino Unido, Alemanha, Polônia, Espanha, Holanda, Itália, Suíça, Índia, Singapura, Japão e Coreia do Sul), além das seis organizações indígenas e dos 25 organismos multilaterais.

Com a corrida ao Ártico acelerada, a Rússia investe bilhões de euros em fontes energéticas e minerais. E movimenta 40 navios quebra-gelo, como único país em condições de ajudar em resgates das embarcações mercantis que encalhem. Uma nova geração desses navios, com dois motores nucleares e que passam no gelo com até três metros de espessura, já está no mar, com o "Arktik" lançado em 2021, e o "Sibir", no início desse ano. Mais três estão sendo construídos (os EUA têm apenas um quebra-gelo, operacional, de 1973). Murmansk, cidade com 300 mil habitantes, é sede da Atomflot (braço da Rosatom, estatal russa de energia atômica), que também constrói e opera usinas nucleares flutuantes para prover de energia cidades distantes e indústrias.

FORÇA MARÍTIMA
A Rússia já possui mais de 40 navios quebra-gelo: dois deles com duplo motor nuclear

USINAS FLUTUANTES
Produção de energia nuclear: cidades e indústrias abastecidas

E se antes os russos não precisavam se preocupar militarmente com suas "costas" ao norte, protegidas pelo paredão de gelo quase permanente do Ártico, o aquecimento das águas tornou essa área mais vulnerável. Exercícios militares foram intensificados antes da invasão da Ucrânia, com aviões de ataque e sistemas de mísseis e radares mais avançados. Em setembro passado, oito mil soldados, com 120 aeronaves e 50 navios de guerra participavam de manobras. Lá fica a principal esquadra do país, chamada "Norte".

Devido ao rápido aquecimento no extremo norte do planeta, a União Europeia se viu forçada a apresentar uma nova estratégia para o Ártico, em outubro passado, divulgando que "o interesse intensificado pelos recursos e rotas de transporte pode transformar a região em arena geopolítica e de competição local, com possíveis tensões e ameaças aos interesses da UE". A OTAN (aliança militar ocidental), que promove exercícios militares bianuais "em extremas condições atmosféricas adversas, de temperatura, neve e gelo", segue na Noruega até a próxima semana com a operação Cold Response (Resposta Fria), desta vez reforçada. São 40 mil soldados das forças terrestre, aérea e naval aliadas (dentre eles, 3 mil fuzileiros navais americanos), com 200 aeronaves e 50 navios, na maior operação dentro do Círculo Polar Ártico desde 1980. ■

POLO NORTE

8 países compõem o Círculo Ártico

24 mil km tem a costa litorânea russa

4 meses (junho/setembro) permitem navegação com mar descongelado

4 milhões de habitantes (2 milhões russos) se espalham pela região

AS FACES DA DISCÓRDIA

Cirurgiões plásticos, dentistas, associações e conselhos médicos não chegam a um acordo sobre a realização de tratamentos estéticos em ambientes odontológicos — a única certeza é que, cada vez mais, aumenta a procura pelos serviços

Fernando Lavieri

Uma lei de 1966 e liminares recentemente conquistadas estão permitindo que dentistas se aventurem no ramo dos procedimentos estéticos realizados na face. Trata-se de técnicas de correção de imperfeições no nariz, sobrancelhas, pálpebras, orelhas, rosto e pescoço. Ao se falar em dentistas, a primeira ideia que vem à mente é que são profissionais essencialmente relacionados à resolução de problemas na boca. Dessa forma, por que se envolver com atividades que não condizem com seus conhecimentos? "Essa é uma visão errônea, esses odontólogos têm a plena capacidade para fazer tais tratamentos", afirma Thiago Marra, cirurgião plástico e presidente da Associação Brasileira dos Profissionais de Saúde (Abrapros). Ele oferece cursos de cirurgia estética direcionados a dentistas: "Já ensinei esse o procedimento a mais de trezentos dentistas". Marra é o principal defensor de que eles se aperfeiçoem na área da medicina plástica — foi ele quem entrou na Justiça para garantir que alguns odontólogos pudessem realizar os procedimentos.

"Atendo mais de duzentos pacientes por mês e 99% deles saem do consultório satisfeitos", afirma Michele França, especialista em ortopedia facial e em harmonização orofacial. Ela assegura que, se o cirurgião bucomaxilofacial está apto a fazer cirurgias de alta complexidade dentro de um hospital, não haveria problemas na execução de cirurgias minimamente invasivas em seu consultório. Em outras palavras, Michele quer dizer que há por parte da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) uma reserva de mercado. O que a associação rebate. "Dentistas não tem conhecimento técnico e nem estrutura nos consultórios suficientes para a prática", diz José Octávio Gonçalves de Freitas, presidente da SBCP, em São Paulo. Ele argumenta que no consultório dental não há aferição médica prévia para prevenir complicações. "Somente médicos podem avaliar", reitera. Apesar de proibir os dentistas de realizarem alguns procedimentos estéticos, o Conselho Federal de Odontologia, em nota, ressalta que a classe já trabalha com complexidade cirúrgica, estética e funcional. O imbróglio que envolve toda a situação só vai ser solucionado na Justiça. ■

CONSULTÓRIO Muitas pessoas se submetem a pequenas cirurgias na cadeira do dentista: polêmica longe do fim

ODONTOLOGIA EM ALTA

Procedimentos de beleza feitos por cirurgiões dentistas

BOTOX

> A toxina botulínica utilizada traz a finalidade de amenizar rugas e melhorar outras expressões

RINOMODELAÇÃO

> Usa-se o ácido hialurônico para reverter imperfeições faciais

PREENCHIMENTO

> Essa terapia pode ser feita do pescoço até a linha do cabelo. Todos os tratamentos têm efeito temporário

FOTO: ISTOCKPHOTO

O estilo kidcore

Abacaxis que falam, brincos de lâmpadas que acendem a luz e camisetas de ursinho com cores extravagantes: conheça a febre infantil que acomete jovens e adultos por todo o Brasil

Eduardo F. Filho

Quem nunca pensou em achar um bilhete dourado para visitar a "Fantástica Fábrica de Chocolate", ou ser sugado por um cano gigante recheado da guloseima ao assistir o filme de Tim Burton em 2005? O DJ Pedro Sampaio, 24, não só pensou na possibilidade como criou a sua própria fábrica de chocolate no clipe de "Atenção", um de seus sucessos musicais. A ideia surgiu enquanto estava enclausurado em sua casa durante a pandemia assistindo a produção junto com a irmã. Na música, o cantor se transforma em Willy Wonka. "Eu adoro brincar com o lúdico das pessoas. Entre meus fãs estão muitas crianças, apesar do meu público majoritário ser de adolescentes e jovens adultos. Mas esse retorno à infância mexe com o gosto de todas as pessoas e idades", explica Pedro, que, em fevereiro, lançou seu primeiro álbum cujo cenário é uma ilha mágica cheia de elementos surrealistas — como um cavalo branco voador, e um abacaxi falante. "São nessas horas de criação que coloco para fora meu lado infantil. Sempre tento preservar essa inocência de criança, mas sem esquecer do meu público mais adulto que vê nesses elementos algo nostálgico", diz.

A estética de resgatar a infância dos anos 1990 e 2000 propondo um visual ultracolorido, excêntrico e muito extravagante tem nome: kidcore. A tendência que ganhou fôlego em 2020, principalmente após o início da pandemia, tem feito com que jovens e adultos usem peças de roupas e acessórios que remetam ao lúdico e relembrem a

LÚDICO
Pedro Sampaio de Willy Wonka e anéis coloridos: referências à inocência infantil

FOTOS: LÉO CALDAS; RAFAEL CAETANO; HUGO MATOS

> **"Eu sou o ponto de referência. Sou aquela coloridona, criançona na rua, sim, e adoro isso"**
> **Mariana Cid**, publicitária

infância. Ou seja, é cada vez mais comum encontrar vestimentas de desenhos infantis como Piu-Piu, ou com objetos e animais, como ursinhos, flores coloridas e corações. Além de inúmeros acessórios como brincos de cubo mágico, braceletes, colares feito de miçangas e anéis de crochê enfeitados de morango. A moda faz sucesso entre a geração Z (nascidos entre 1995 e 2010), que acham esse retorno à infância algo vintage, e a geração Millennials (nascidos entre 1980 e 1994), que têm uma sensação nostálgica com essa volta ao passado.

A publicitária Mariana Cid, 29 anos, foi uma das millennials que caiu nas graças do kidcore. Se definindo como uma "gorda coloridona", ela afirma que começou a se interessar pela moda e com o que vestir durante a pandemia, pois cansou de ter que usar roupas pretas, com mangas que não refletiam a sua personalidade. "Nós passamos por anos muito complicados tanto de saúde física, como mental e financeira, então ter algo no que se agarrar, se sentir confortável, aconchegante e ao mesmo tempo abraçar sua criança interior, é muito bom", diz. Mariana explica que no dia a dia tenta mesclar roupas mais adultas como um blazer, ou algo de alfaiataria, mas sem largar cores fortes e extravagantes. "Sou o ponto de referência. Sou aquela criançona na rua, sim, e adoro isso", brinca.

As irmãs mineiras Camila Prado, 30, e Ana Laura Prado, 23, viram na tendência um jeito de ganhar um dinheiro extra. As duas, que desde pequenas, já faziam colares de miçanga, decidiram surfar na onda infantil e começaram a fazer bijuterias diferentonas com alusões a filmes, desenhos e séries que assistiam quando eram menores. Ambas são proprietárias da Bubble, uma das primeiras lojas virtuais do segmento, que conta com mais de 60 mil seguidores nas redes sociais. Entre seus produtos mais vendidos estão brincos de lâmpadas que acendem a luz, brincos de cubo mágico que se mexem e os tradicionais colares de miçanga. "Foi uma surpresa a aceitação do público porque nós sempre gostamos de coisas diferentes, mas as pessoas, inclusive nossa família, deixavam claro que nunca usariam nossos produtos", afirmam. Mas, pelo jeito, isso mudou.

Há quem afirme que a tendência é resultado direto da pandemia, pois com a quarentena, muitas pessoas se refugiaram em imagens da infância. "A fantasia e a regressão estão presentes na moda kidcore. O individuo protagoniza uma história diferente daquela que vive na realidade e ainda retorna a uma fase em que era mais protegido e menos responsável. Eles querem dar cor a esse mundo cheio de angústias e incertezas", afirma a psicóloga e professora da Universidade Mackenzie, Marineide Aranha Neto. Sempre é bom dar uma de "Alice No País das Maravilhas" e escapar de uma realidade aterrorizante por meio de um cenário colorido, feliz e lúdico. ■

> **"Sempre gostamos de coisas diferentes, mas as pessoas diziam que nunca usariam nossos produtos"** **Camila e Ana Laura Prado**, estudantes

Gente

Desapegada na TV, apegada na vida real

Demorou, mas a Globo finalmente deu o braço a torcer: **Sabrina Sato** voltou a assinar contrato com a emissora quase 20 anos depois de brilhar no Big Brother Brasil. Aquela menina tímida hoje é mãe, esposa, empresária e apresentadora. "Cada passo que dei foi essencial para meu amadurecimento", revela Sabrina à ISTOÉ. Na Globo, ela estará à frente de dois programas no canal pago GNT: o reality sobre organização pessoal *Desapegue Se For Capaz*, em que vai entrar na casa das pessoas e fazê-las se livrar do que já não tem mais utilidade em suas vidas, e o talk-show *Saia Justa*, junto com Astrid Fontenelle. "É um programa necessário que provoca discussão e diálogo, pioneiro em abordar temas importantes sob a ótica feminina", afirmou. Após rumores sobre o fim de seu casamento, Sabrina deixou claro que ela e o ator Duda Nagle passaram por momentos difíceis, mas que já os superaram – e agora estão cada vez mais apegados um ao outro.

O bruxinho quer ser Homem-Aranha

O bruxo mais famoso do mundo não quer mais voltar para Hogwarts. Pelo menos foi isso que o ator que deu vida ao personagem de Harry Potter, **Daniel Radcliffe**, disse ao diretor Chris Columbus por meio de suas redes sociais. O cineasta declarou que tinha interesse em adaptar *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* para o cinema com o trio de atores original, mas Daniel acabou com a alegria dos fãs ao dizer que é muito cedo para retornar ao papel que o consagrou. "Não quero dizer que nunca voltarei a esse papel, mas vejam o elenco de *Guerra nas Estrelas*: eles esperaram 30, 40 anos antes de voltar. Para mim, faz só dez anos. Não é algo em que esteja interessado no momento". Em período confessional, o ator revelou que gostaria mesmo é de interpretar o super-herói Homem-Aranha. Será que Tom Holland ficou com ciúme?

FOTOS: MALTONI/DIVULGAÇÃO; ROBERT DEUTSCH/USA TODAY NETWORK/IMAGN/SIPA USA; REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO; PRISCILA PRADE/DIVULGAÇÃO; JOEL C RYAN/INVISION/AP

As mulheres da Casa Branca

A ganhadora do Oscar **Viola Davis** impressionou seus nove milhões de seguidores ao publicar a primeira foto caracterizada como Michelle Obama para a minissérie *First Lady*, que estreia em 17 de abril no canal Paramount+. A produção conta histórias de diversas esposas de ex-presidentes norte-americanos. Além da mulher de Barack Obama, a primeira temporada acompanha a vida de Betty Ford, interpretada por Michelle Pfeiffer, e de Eleanor Roosevelt, papel de Gillian Anderson. Pelas redes sociais, a atriz foi só elogios para a homenageada: "Michelle nos ensinou a desafiar barreiras, mesmo quando elas nos desafiam de volta", afirmou.

Juntos no palco e no streaming

Quem nunca sofreu de amor que atire a primeira pedra... mas quem tem coragem de apagar da memória aquela paixão que lhe fez sofrer? Os personagens de **Reynaldo Gianecchini** e **Tainá Müller**, na comédia romântica *Brilho Eterno*, tiveram. Baseada livremente no filme *Brilho Eterno de Uma Mente sem Lembranças*, de 2004, estrelado por Jim Carrey e Kate Winslet, a peça estreia no teatro Procópio Ferreira. Na trama, o casal percebe que suas vidas são incompatíveis e decidem "se apagar" da memória. "Tempos atrás eu apagaria, pois foram essas dores que me fizeram procurar terapia. Hoje, no entanto, entendo que elas são parte de mim", diz Gianecchini. Os atores também estão juntos na segunda temporada de *Bom Dia, Verônica*, na Netflix. "Nos reencontramos em um momento em que há o desejo mútuo por reinvenção. É uma parceria gostosa", define Tainá.

Arriba! De volta à estrada

Amante das boas viagens e de grandes turnês, o ator e cantor **Daniel Boaventura** teve de dar uma pausa na carreira internacional por conta da pandemia. Ele estava na Rússia poucos dias antes de Putin fechar o espaço aéreo em razão do vírus. "Pude ver de perto o poder daquele homem. Fiquei impressionado com tudo o que ele podia fazer", diz o ator, que vê com preocupação o cenário atual de guerra na região. A saudade de viajar, entretanto, está prestes a acabar: com a flexibilização nas regras sanitárias, o artista anunciou uma turnê no mês de abril, quando se apresentará em três cidades mexicanas. Como ele também está em cartaz em São Paulo com o divertido musical *Família Addams*, terá de encarar uma espécie de ponte-aérea entre Brasil e México – e um belo fuso horário.

Apenas um cavaleiro de saias

Cavaleiro da Lua, nova série da Marvel para o Disney+, teve uma premiere chiquérrima: o ator **Oscar Isaac**, de 43 anos, chamou a atenção ao usar um conjunto do estilista Thom Browne. O modelo era composto por um blazer e uma saia cinza, combinando com meias e botas pretas de cano alto. À revista Vogue, o estilista do ator, Michael Fisher, comentou: "Oscar é um fã de longa data de saias e queria usá-las em algum grande evento". Seu companheiro de elenco, Ethan Hawke, elogiou a escolha: "A saia funciona". No começo do mês, o ator já havia sido fotografado em Berlim, na Alemanha, usando um look com saia e jaqueta – super elegante e moderno.

ESPREMIDOS PELA INFLAÇÃO

AUMENTO O presidente da Amasp Eduardo Lima: depois de inúmeras tratativas frustradas com as empresas, diz que reajuste deveria ser de 40%

Os sucessivos aumentos do combustível – o último foi de 18% sobre o preço da gasolina – vêm impactando diretamente o setor de transportes. Nesse nicho, os motoristas de aplicativos estão passando por um vendaval. De um lado, uma inflação de dois dígitos que corrói os ganhos no acumulado do ano passado. Do outro, plataformas que não querem aumentar o preço das corridas para não perderem vantagem na concorrência. Depois de esgotada as inúmeras tentativas de renegociação, a Associação dos Motoristas de Aplicativos de São Paulo (Amasp) conseguiu realizar um projeto de aplicativo, considerando as mudanças que a categoria acha necessárias, e arrumou um parceiro para colocá-lo de pé. A ideia é boa, pois dá perspectiva de futuro, mas não resolve o presente. No último ano, para conseguir pagar os custos e ter o lucro suficiente para sustentar a família, o motorista teve de aumentar em duas horas a jornada de trabalho, que já era de 10 horas, segundo a Amasp, que tem 34.628 associados.

Motorista há mais de 20 anos, o pernambucano Rosimar Pereira, de 48 anos, roda cerca de 250 km por dia em São Paulo durante 12 horas de trabalho. Ele acorda às 5h para pegar o pico das chamadas no início da manhã e roda até às 20h. "Quando comecei a trabalhar pelo aplicativo, em 2016, o custo operacional era menos da metade do que é hoje", diz Pereira. "Todo motorista começa tirando do bolso R$ 8 mil para dirigir durante o mês", diz Eduardo Lima, presidente da Amasp. Nessa conta entra gasolina (1 tanque por dia, com valor médio de R$ 160), alimentação, celular, troca de óleo, seguro e mensalidade de financiamento ou aluguel do carro. Some a isso o percentual cobrado pelo aplicativo sobre o valor da corrida pago pelo passageiro, que vai de 25% a 60%, segundo a

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; GUITO MORETO/AGÊNCIA O GLOBO

Motoristas de **aplicativos** reclamam que o aumento dos combustíveis ameaça a profissão. Associação diz já ter **fechado parceria** para colocar no mercado **plataforma própria**, que planeja concorrer com Uber e 99

Valéria França

MANIFESTAÇÃO No Rio de Janeiro, entregadores fazem protesto e iFood anuncia reajuste

Amasp. Todos esses custos correspondem a 80% da tarifa recebida do cliente. O lucro é de 20%. "Mas as quantias que o aplicativo descontava da corrida não variavam tanto como hoje" diz Pereira. "A plataforma informa que cobra 25%, porém chega a descontar 40%."

Procurada por ISTOÉ, a Uber não informa o cálculo nem o valor descontado dos motoristas. De acordo com a assessoria, trata-se de segredo de mercado. A 99 também foi contatada, mas não respondeu. A Uber foi a pioneira do mercado. Ela chegou ao Brasil em 2015, promovendo uma nova experiência no transporte individual de pessoas. Pedir o táxi pelo smartphone dava uma agilidade ao serviço nunca antes praticada. Os passageiros ainda tinham maior sensação de segurança e pagavam menos pela corrida do que se usassem o táxi convencional. No ano passado, quando a plataforma comemorou sete anos no Brasil, ela contabilizava 1 milhão de colaboradores.

Em nota, a empresa diz que "opera um sistema de intermediação de viagens dinâmico e flexível, que por isso busca sempre considerar, de um lado, as necessidades dos motoristas parceiros e, de outro, a realidade econômica dos consumidores, tendo em vista a preservação do equilíbrio oferta-demanda, que é fundamental para a plataforma". Em 2021, diante do aumento de 47% da gasolina, a empresa elevou o valor da corrida em 10%. Em março, quando houve o último reajuste do combustível, subiu o preço da tarifa em 6%. Mas a categoria quer 40%. A empresa ainda anunciou que serão investidos R$ 100 milhões em iniciativas para reduzir custos e aumentar os ganhos. Entre as práticas, parcerias com postos de gasolina, onde o motorista terá descontos no combustível. Os motoristas rebatem que precisam de melhoras perenes e não pontuais.

O impasse não acontece apenas no transporte de pessoas. No setor de entregas, o descontentamento dos colaboradores do iFood chegou às ruas do Rio de Janeiro na sexta-feira, 19. Houve paralisação dos trabalhos nos bairros de Ipanema, Copacabana, Botafogo, Méier, Cachambi, Tijuca e Vila Isabel. Cerca de 200 entregadores ainda realizaram um protesto nos fundos do Shopping Tijuca. No mesmo dia, o iFood anunciou o aumento da tarifa mínima de entrega de R$ 5,31 para R$ 6 para todos os modais, a partir de 2 de abril. De acordo com a empresa, a plataforma é uma das poucas do setor que dá benefícios. Ela destaca o seguro de acidentes pessoais, que cobre R$ 15 mil em despesas médicas e odontológicas de emergência. Em caso de lesão temporária, indeniza 70% dos ganhos, baseados nos últimos 30 dias de trabalho. Em janeiro, o iFood disponibilizou 2 mil bolsas de estudos para conclusão do Ensino Médio e para o curso preparatório do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Mas nada disso teria acontecido sem muita reivindicação. ■

QUANTO PAGAM

R$ 6
é o valor mínimo por entrega repassada pelo iFood aos trabalhadores

25% A 60%
é a variação da porcentagem descontada pela Uber das viagens dos motoristas

14% A 50%
é o desconto praticado pelo 99

FONTE: Amasp

TRABALHO EXTENUANTE O motorista Rosimar Pereira que roda 250 km em 12 horas de trabalho em São Paulo

Extremista na encruzilhada

Desgastado por sua proximidade com Putin, Viktor Orbán pode deixar o governo da Hungria depois de 12 anos de poder. O conservador Péter Márki-Zay quer maior proximidade com o Ocidente e tem chance ganhar as eleições do dia 3 **Denise Mirás**

As eleições parlamentares na Hungria, marcadas para o dia 3 de abril, assumiram uma dimensão maior depois da invasão da Ucrânia. O país é o primeiro membro da União Europeia (UE) e da OTAN (aliança militar ocidental) a realizar um pleito depois do início do conflito. O atual chanceler, Viktor Orbán, já tinha quatro anos na cadeira, de 1998 a 2002, antes de iniciar a sequência de 12 que começou em 2010 e desemboca neste 2022. Quer mais oito. Só que desta vez o radical de direita tem um concorrente, Péter Márki-Zay, que também é conservador, mas vem fortalecido por uma inusitada coligação de oposição a Orbán, abrangendo da direita à esquerda. Com a guerra, os discursos de campanha mudaram de foco. A situação parece ter evoluído quase para um plebiscito: com Orbán, por um reforço de compromisso com o presidente da Rússia, Vladimir Putin; ou com Márki-Zay, por uma proximidade mais acentuada com o Ocidente.

Esses dois candidatos reúnem quase a totalidade das intenções de voto para a disputa das 199 cadeiras da Assembleia Na-

VANTAGEM Com a máquina do governo a seu favor, Viktor Orbán está com seis pontos sobre o adversário

FOTOS: ATTILA KISBENEDEK/AFP; JANOS KUMMER/GETTY IMAGES EUROPE/GETTY IMAGES/AFP

cional da Hungria. Em 2018, o Fidesz, partido de Orbán, atacou a imigração, basicamente, e ficou com 133 delas ao se valer de propostas populistas. Desta vez, Márki-Zay encabeça a coligação de seis partidos - do Jobbik, de extrema-direita, até os Verdes -, com foco exclusivo na derrubada do rival. Há um ano, a oposição estava à frente na preferência dos eleitores, com 49% a 47%, mas Orbán conseguiu uma leve recuperação na passagem do ano - retomou a vantagem com 48% a 47%. O atual premiê tem se beneficiado com uma esmagadora vantagem econômica na campanha: os gastos com redes sociais são o triplo da oposição, que ainda sofre com ciberataques. O domínio da mídia fez a diferença a favor do atual primeiro-ministro avançar nas últimas semanas para 50% contra 44%, de acordo com o site independente europeu politico.eu. Para se contrapor à oposição, Orbán tentou ainda reforçar o apoio em suas bases. Por exemplo, concedeu 10% de aumento no salário de policiais e militares, mais bônus.

Desde 2010, Orbán tem maioria de dois terços na Assembleia, o que ajudou seu governo a corroer o Judiciário e implantar mais medidas eleitorais favoráveis a ele, mesmo contra todas as vozes que replicam acusações de corrupção do mandatário e sua família, por meio de bilhões injetados em instituições que funcionam paralelamente à administração. Orbán defende pautas conservadoras nos costumes. Em dezembro de 2020, abraçou o tema "proteção infantil", promovendo uma lei com artigos como obrigatoriedade de educação de acordo com o sexo biológico e determinação que a mãe deve ser mulher e o pai, homem, o que rendeu repúdio do Parlamento Europeu, que acusou "discriminação patrocinada pelo Estado". Para derrotar o atual chefe de governo, em outubro, seis partidos (DK, Jobbik, LMP, Momentum, MSZP e Párbeszéd) decidiram se valer de um único candidato. Foi quando Péter Márki-Zay venceu as primárias populares. Dito conservador independente, ele tem como proposta básica fazer mudanças constitucionais que restaurem a democracia, com respeito às instituições, sem tentativas de golpe que ameacem o Estado de Direito já minado por Orbán. O diferencial do candidato anti-Orbán em relação aos antecessores é justamente o fato de também ser conservador - e, com isso, ainda leva vantagem por ter mais filhos que o atual mandatário (sete contra cinco), além de ser mais jovem (49 anos contra 58) e estar em boa forma física. Ele renega a imagem cristã e patriota de Orbán, a quem acusa de querer seguir no poder para enriquecer ainda mais.

ELEIÇÕES NA HUNGRIA

+9,6 MILHÕES de habitantes

58,3% média nacional de comparecimento de eleitores a urnas

16 anos no total: o tempo de Viktor Orbán como primeiro-ministro

6 PARTIDOS se coligaram para eleger Péter Márki-Zay

NEGÓCIOS À PARTE

Com a guerra, Orbán percebeu que seu discurso com foco anti-LGBTQI+ se tornou secundário. Passou a jogar de um lado e de outro. Como a maioria da população húngara quer a permanência do país na UE e rechaça a invasão à Ucrânia, ele adaptou seu discurso. Condenou a "operação especial militar" (como Putin se refere à guerra) e não se opôs às sanções econômicas. Mesmo assim, seguiu afagando Putin na mídia ao recusar o fornecimento de armas para os ucranianos. Já em meio à guerra, Orbán confirmou que continuará a importar gás do país aliado e a desenvolver a usina nuclear que tem 12,5 bilhões de euros (R$ 68 bilhões) financiados pela estatal russa Rosatom. Aproveitou para elogiar os esforços da China como mediadora do confronto. Depois, reclamou da UE por não ter repassado 7 bilhões de euros (R$ 38 bilhões) para recuperação da Hungria no pós-pandemia. Como ninguém sabe qual será o desenlace do conflito na Ucrânia, os húngaros estão divididos entre escolher "o aliado Putin" ou "a segurança da UE". ■

Viktor Orbán já fez campanhas discriminatórias, passou pela "proteção às crianças" e agora assume posições dúbias com a guerra

NO ENCALÇO Péter Márki-Zay tem foco no respeito às instituições corroídas por anos de poder do rival

Cultura

PERSONAGEM **por Felipe Machado**

"EL PASO DE ANITTA"
Danca erótica: estratégia para alavancar o hit *Envolver*

Uma prova da relevância de um artista no mundo da música é o destaque que seu nome ganha na divulgação de um grande evento internacional. Por exemplo: na próxima edição do renomado festival Coachella, na Califórnia, um dos maiores do planeta, Anitta aparece logo abaixo de Billie Eilish, a cantora mais famosa da atualidade. O sucesso da brasileira no exterior não é novidade, mas nessa semana ela bateu seus próprios recordes e viu o novo single, *Envolver*, entrar para a parada Top 5 Global da plataforma de streaming Spotify – a chance de chegar ao primeiro lugar nos próximos dias é enorme. Na quarta-feira 23 já era a quarta música mais ouvida no mundo, incluindo artistas de todos os países e idiomas. É um brilho sem precedentes para um artista brasileiro.

É verdade que *Envolver* é cantada em espanhol e que seu estilo está bem mais próximo do caribenho reggaeton que dos ritmos brasileiros. Mas nada isso importa: o que interessa a Larissa de Macedo Machado, de 28 anos, é alcançar o sucesso fora do País, obsessão que ela segue com disciplina espartana desde que se apresentava como MC Anitta nos palcos do Furacão 2000, em Honório Geral, periferia do Rio de Janeiro. Ganhou projeção nacional a partir de 2013 com o hit *Show das Poderosas* e, no ano seguinte, explodiu com *Movimento da Sanfoninha*, que vinha acompanhada pela coreografia que ficou conhecida como "Quadradinho".

A estratégia de combinar música e dança deu tão certo que a levou a repeti-la agora, com *Envolver*: o videoclipe em que a estrela rebola com os glúteos para cima, batizado de "El Paso de Anitta", já tem mais de 70 milhões de visualizações no Youtube. O TikTok, a rede social mais popular do momento, também foi fundamental para alcançar essa marca. A maior prova disso é que *Envolver* foi lançada em novembro de 2021, mas só estourou agora, após viralizar como trilha sonora de um "desafio" no TikTok – a classificação faz com que usuários do mundo inteiro compartilhem os próprios videos, reproduzin-

Com **videoclipe sensual** e coreografia ousada, a cantora carioca conquistou os usuários da rede social TikTok, chegou ao **Top 5 Global do streaming** e se tornou a artista brasileira mais bem-sucedida no mercado internacional, dona de uma fortuna de **R$ 600 milhões**

Anitta envolve o mundo

do seus movimentos, o que amplia muito a audiência da música no streaming.

Gravar em espanhol, com os parceiros Julio M. Gonzales Tavarez, Freddy Montalvo e José Carlos Cruz, também foi consciente: a música latina é a que mais cresce nos EUA, o mercado mais importante do mundo – a cantora já havia gravado com o porto-riquenho Rauw Alejandro, o dominicano El Alfa El Jefe e os colombianos Maluma e J Balvin, entre outros. Inteligente, antenada dona de boa voz e com visão profissional do mercado, o sucesso fez de Anitta uma das mulheres mais ricas do País: a revista Forbes estima sua fortuna em R$ 600 milhões – e o show da poderosa está apenas começando. ■

OUTROS BRASILEIROS COM DESTAQUE FORA DO PAÍS

João Gilberto
O criador da Bossa Nova levou o Brasil ao topo do mundo ao se apresentar no lendário Carnegie Hall, em Nova York

Morris Albert
Após adotar um nome em inglês, o cantor Mauricio Alberto vendeu 10 milhões de cópias de *Feelings*

Sepultura
A banda de rock pesado mistura ritmos tribais com guitarras pesadas e faz turnês no exterior desde os anos 1990

FOTOS: REPRODUÇÃO DE VÍDEO; ARI VERSIANI/AFP; GAB ARCHIVE/REDFERNS; EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS

A graça infinita da rotina

O Rei Pálido, romance póstumo do norte-americano **David Foster Wallace**, transforma a monotonia da burocracia em excelente literatura

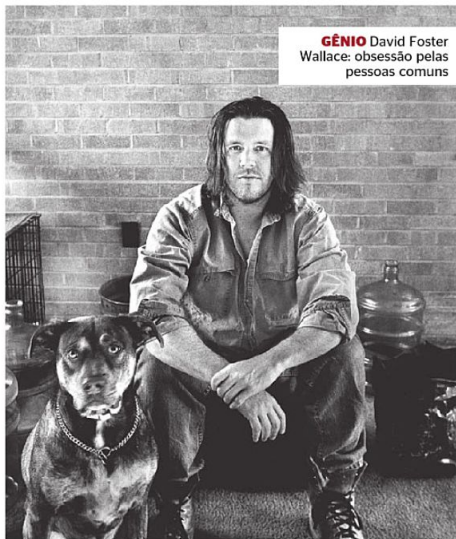
Felipe Machado

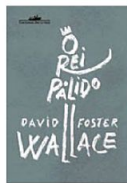
GÊNIO David Foster Wallace: obsessão pelas pessoas comuns

É provável que os críticos do século 22 tratem David Foster Wallace com a mesma reverência com que tratamos hoje autores como Marcel Proust e James Joyce. A originalidade e complexidade de sua escrita, eternizada principalmente em sua maior obra, *Graça Infinita*, de 1996, tornam o autor norte-americano um dos grandes nomes da literatura na virada do século 20. Wallace é mestre tanto na experiência com a linguagem quanto na materialização do vazio presente na sociedade pós-moderna.

É isso que torna o lançamento de *O Rei Pálido* tão relevante. Antes de se suicidar, em setembro de 2008, aos 46 anos, o escritor abandonou o manuscrito inacabado sobre a mesa de seu escritório, para que sua mulher pudesse encontrá-lo. Para organizar o material e finalizar o projeto, ela convidou seu colaborador mais próximo, Michael Pietsch, editor de *Graça Infinita*. Seguindo as notas e orientações do autor – "esse livro é uma série de preparações para que as coisas aconteçam sem que nada jamais aconteça" –, Pietsch chegou ao formato publicado agora no Brasil.

Crítico contumaz do consumismo americano, como pode ser visto na lendária palestra *Isso é Água*, que proferiu aos formandos do Kanyon College, em 2005, Wallace era obcecado pela magnitude que a rotina exerce sobre a vida dos indivíduos. Foi o tema escolhido para o seu último romance: *O Rei Pálido* aborda o cotidiano dos funcionários de uma central de processamento de dados do imposto de renda, local atolado em formulários, arquivos e atividades burocráticas. Poucos autores seriam capazes de tornar interessante esse ambiente enfadonho e repleto de pessoas "comuns", mas Wallace consegue prender a atenção do leitor por meio de um recurso também usado por Proust e Joyce: a transformação do fluxo da consciência em literatura.

Um bom exemplo é a sequência que abre o livro, na qual o protagonista, Claude Sylvanshine, estuda para uma prova enquanto viaja de avião. Sua mente vagueia entre observações sobre os passageiros, memória de episódios corriqueiros e até lembranças da infância, a tradicional avalanche de informações simultâneas que processamos a cada momento, o tempo inteiro. Transpor o pensamento para as palavras é uma tarefa hercúlea, e a maior prova de que David Foster Wallace não é do século 20 ou 21, mas, sim, um escritor atemporal. ■

O Rei Pálido
David Foster Wallace
Companhia das Letras
599 págs | Preço: R$ 114

FOTOS: REPRODUÇÃO

Natureza viva

CERRADO
Os atores Irandhir Santos e Renato Góes: vida rural e defesa do meio ambiente

Três décadas depois de revolucionar a teledramaturgia brasileira, a novela *Pantanal* estreia na Globo, sob a forma de remake, mantendo o ritmo lento e as belas paisagens

Felipe Machado

Quando a novela Pantanal foi ao ar pela primeira vez na TV Manchete, em março de 1990, provocou uma revolução silenciosa na teledramaturgia brasileira. O projeto liderado pelo diretor Jayme Monjardim - e rejeitado pela TV Globo - era exatamente o contrário do que se fazia para conquistar o público. Enquanto os índices de audiência indicavam que oas pessoas desejavam ver tramas urbanas, diálogos rápidos e cenas editadas com agilidade, a produção da Manchete abusava dos planos abertos, com longas passagens e, muitas vezes, sem nenhum ator em cena. No universo televisivo foi um choque: como a novela de Benedito Ruy Barbosa, inspirada pelo velho realismo fantástico, conseguia vencer a guerra do Ibope?

A pergunta permanece sem resposta. Talvez o Brasil da época, recém-confiscado pelo presidente Fernando Collor, precisasse de um tempo para respirar e olhar para si mesmo, longe dos arranha-céus das grandes cidades. Pode ser que seja essa a aposta da Globo hoje: entre a pandemia e a tragédia do governo Jair Bolsonaro, mais de três décadas depois a emissora carioca se rende ao Pantanal e exibe um remake da novela que tanto a incomodou no passado.

Há, obviamente, adaptações inevitáveis no elenco e na produção: no lugar de Monjardim, a emissora escalou os diretores Rogério Gomes e Gustavo Fernandez. Cristiana Oliveira, que fez sucesso no papel de Juma, a sedutora "mulher-onça" sai de cena e entra a jovem atriz Alanis Guillen. A tecnologia também é bem diferente: a equipe agora usará drones, câmeras 8K de "ultra-alta-definição" e captação de som no formato Atmos, como nos cinemas. O ritmo lento, no entanto, será mantido - resta saber se ele será bem aceito em plena era do streaming. ■

MULHER-ONÇA Aline Guillen no papel de Juma: realismo fantástico

FOTOS: JOÃO MIGUEL JÚNIOR/GLOBO

VELHO OESTE
O Ataque dos Cães: aposta da Netflix na categoria de Melhor Filme

PREMIAÇÃO

Oscar 2022: entre passado e futuro

Os grandes estúdios de Hollywood e as plataformas de streaming se enfrentam no evento mais importante do cinema

Nas plataformas de streaming ou nas salas de cinema, ganhar um Oscar traz credibilidade e garante o sucesso de um filme. Os grandes favoritos na cerimônia que acontece nesse domingo 27 são duas produções opostas pelo tempo: *O Ataque dos Cães*, indicado em doze categorias, retrata os valores do passado por meio de um enredo situado no velho oeste americano; *Duna*, que concorre a dez prêmios, remete à visão distópica de uma sociedade futurista em frangalhos. A disputa é uma boa analogia à própria indústria cinematográfica: os grandes estúdios tradicionais estão perdendo cada vez mais terreno para as novas plataformas de streaming. Aqui, no entanto, as posições estão invertidas: o faroeste de Jane Campion é uma produção da Netflix, enquanto a ficção científica de Dennis Villeneuve é assinada pela Warner Bros. O longa da neozelandesa, porém, leva vantagem: Jane já venceu o Globo de Ouro e o Leão de Prata, do Festival de Veneza, como melhor diretora. Outras apostas do Oscar são *Amor, Sublime Amor*, musical de Steven Spielberg, e *Belfast*, drama autobiográfico de Kenneth Brannagh: ambos concorrem em sete categorias. O Brasil estará representado por *Onde Eu Moro*, documentário de Pedro Kos indicado como curta-metragem. A festa será transmitida pela plataforma Globoplay e pelo canal TNT, na TV paga.

HOMENAGEM A COPPOLA E JAMES BOND

A festa do Oscar anunciou duas atrações especiais: homenagens a *O Poderoso Chefão (foto)*, de Francis Ford Coppola, que comemora 50 anos em 2022, e à franquia do agente secreto 007, personagem que faz 60 anos. Entre as novidades haverá também uma nova categoria votada pelo público, estratégia da Academia para tentar reverter os baixos índices de audiência da cerimônia. O evento terá uma performance curiosa: a canção *We Don't Talk About Bruno*, do filme *Encanto*. Apesar de ocupar o primeiro lugar das paradas, não foi sequer indicada.

PARA LER

Um Tambor Diferente, de Wiliam Melvin Kelley, narra a história de um negro que compra e então destrói a fazenda onde cresceu: uma trama chocante que demonstra como o racismo afeta não apenas uma etnia, mas toda a sociedade.

PARA VER

O título ***A Pior Pessoa do Mundo*** chama a atenção para o filme, mas é apenas um exagero criado pelo diretor Joachim Trier para ilustrar a história de Julie. Aos 30 anos, a norueguesa bela e imatura sofre com suas decepções amorosas.

PARA OUVIR

Luzente é o novo álbum do **Teatro Mágico**, trupe liderada por Fernando Anitelli e que possui uma devotada base de fãs. Marca a volta do grupo ao estúdio após cinco anos, período "de reflexões que renderam uma nova perspectiva", segundo o músico paulista.

por Felipe Machado

SÉRIE

Do videogame para o streaming

O videogame **Halo**, um dos mais populares de todos os tempos, foi lançado há vinte anos. Para celebrar a data, chega à plataforma Paramount+ uma nova série inspirada pela história do jogo: ambientada no século 26, a trama narra a guerra entre a humanidade e uma raça alienígena conhecida como Pacto. No elenco estão Pablo Schreiber (Master Chief John-117), Natascha McElhone (Dra. Halsey) e Jen Taylor (robô Cortana). A série espera repetir o sucesso do game, que já vendeu 82 milhões de cópias e arrecadou US$ 6 bilhões.

CARNAVAL

As estrelas do samba carioca

Com o adiamento do carnaval para abril, um dos mais tradicionais bailes do Rio de Janeiro deve se tornar uma das festas mais cobiçadas pelos ansiosos foliões. A 18ª edição do **Show de Verão da Mangueira** vai reunir a nata do samba e da música brasileira no palco do Vivo Rio: Alcione, Chico Buarque, Gal Costa, Leci Brandão, Pretinho da Serrinha, Teresa Cristina e Xande de Pilares. Haverá homenagens ao fundador da escola, Cartola; seu grande intérprete, Jamelão; e Delegado, o lendário mestre-sala, figuras que inspiram o enredo de 2022.

TEATRO

Tennessee Williams no Tucarena

É sempre um privilégio assistir a uma montagem do autor de *Um Bonde Chamado Desejo* e *Gata em Teto de Zinco Quente*, entre outras obras clássicas. Estreia no Tucarena, em São Paulo, uma nova versão de ***Anjo de Pedra***, escrita pelo dramaturgo americano Tennessee Williams em 1948. Dirigida por Nelson Baskerville, traz Sara Antunes e Ricardo Gelli no elenco. A peça já havia sido encenada no Brasil em adaptações de Cacilda Becker, em 1950, e Nathália Timberg, em 1960.

EXPOSIÇÃO

Retrospectiva de Adriana Varejão

A **Pinacoteca de São Paulo** exibe a maior retrospectiva da carreira de Adriana Varejão, um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira. *Suturas, Fissuras, Ruínas* tem curadoria de Jochen Volz, que já havia trabalhado com ela em seu pavilhão no Instituto Inhotim, em Minas Gerais. A mostra reúne mais de 60 obras que estavam espalhadas pelo mundo, incluindo *Anjos*, que pesa 500 quilos e integra a coleção do museu Stedelijk, em Amsterdã. Em cartaz até 1/8.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; RICARDO BORGES/FOLHAPRESS; RONALDO GUTIERREZ; REPRODUÇÃO; EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

por Mentor Neto

Escritor e cronista

A LEI DO USO DE APPS

Na sexta-feira (18/3) o ministro Alexandre Moraes, derrubou o aplicativo de mensagens Telegram em todo o País.

No domingo, cancelou a suspensão, pois recebeu uma missiva do CEO global da plataforma pedindo desculpas e prometendo que, de agora em diante, fará tudo que a Justiça brasileira mandar.

Fez muito bem o ministro.

Aplicativos de mensagens viraram uma fonte inesgotável de fake news, ansiedade e conteúdos de gosto duvidoso, como as mensagens do meu tio Carlão, o grosso, no grupo da família, ou aquele seu cliente, que manda WhatsApp no sábado de madrugada.

Alguém tem que organizar essa bagunça e o ministro Alexandre Moraes provou que é o homem para isso, pois divulgou uma lista de 10 regras de uso desses aplicativos que deverá, em breve, se transformar em lei.

Vamos a elas:

1. Fica terminantemente proibido o envio de mensagens de bom dia com versos e fotos de flores, orações, letras manuscritas ou imagens do nascer do sol.

2. Recomenda-se moderação no uso de emoticons e emojis. Coração pode. Mas só o vermelho. Joinha e Joião ficam terminantemente proibidos.

3. A onomatopéia do riso deve ser utilizada. O "hahaha" passa a ser o padrão e o número de "has" equivale à intensidade da risada representada. Um sorriso maroto pode ser expresso por "rs" ou "hehehe". Qualquer outra manifestação deve ser evitada. O "huahuahua" está banido.

4. Diálogos privados, fora dos grupos, devem ser precedidos de um elegante "pode falar?". Enquanto não houver resposta fica terminantemente proibido o envio de uma segunda mensagem.

5. Não é porque apareceu tiquezinho azul que o destinatário está obrigado a responder imediatamente. A síndrome da ansiedade por resposta é doença documentada pela Sociedade de Psiquiatria Americana, que recomenda o uso de Rivotril nos casos graves.

6. Cada mensagem (pessoal ou em grupos) deve estar contida em um único ballon. No máximo dois. A PF já tem a lista de serial messengers contumazes, que mandam frases curtas em dezenas de ballons. Quando presos não terão direito à fiança.

7. Fica proibido o envio de mensagens de voz com mais de 30 segundos. E, ainda assim, o envio só deve ocorrer após o destinatário informar que pode escutar áudios naquele momento. No caso de necessidade de mensagem de áudio com mais de 30 segundos, considere uma ligação telefônica, invenção que caiu em desuso, mas ainda é muito eficiente.

8. Em prol da manutenção da sanidade do grupo e do convívio maduro, as plataformas de mensagem ficam obrigadas a apagar instantaneamente discussões sobre religião, futebol ou política em grupos familiares. No caso de reincidência, as famílias passarão a receber automaticamente fotos de gatinhos por três meses.

Alexandre Moraes alerta: essa bagunça nos aplicativos de mensagem vai acabar

9. Cabe ao remetente de cada mensagem, antes de repassar qualquer link de notícia bombástica ou descoberta científica, consultar a data da publicação e a fonte da notícia. Usuários que enviarem mensagens comprovadamente inverídicas terão seus direitos políticos cassados por 8 anos.

10. O "vazamento" de mensagens do grupo, principalmente aquelas que vierem de filas de refugiadas da Ucrânia, deve ser vista como um serviço para a sociedade e não como uma delação. A regra é clara: usuário sem noção no grupo, usuário sem noção na vida.

Parabéns ministro.

Com esse conjunto de normas, o Brasil sai na frente na moralização dos aplicativos de mensagens.

Diversos países já informaram que desenvolverão leis semelhantes.

Rússia, China e a família do presidente já se manifestaram contrários.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista